

PATRÍCIA KEIKO RAMOS

ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA INDÚSTRIA DE
TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ NO PERÍODO DE 1970 A 2010

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Igor Zanoni C. Carneiro Leão.

CURITIBA
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

PATRÍCIA KEIKO RAMOS

ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ NO PERÍODO DE 1970 A 2010

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Igor Zanon C. Carneiro Leão
Departamento de Ciências Econômicas
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná



Prof. Dr. Mariano de Matos Macedo
Departamento de Ciências Econômicas
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná



Profa. Dra. Denise Maria Maia
Departamento de Ciências Econômicas
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 20 de março de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me dado forças nos momentos mais difíceis para prosseguir.

Ao Prof. Igor Zanoni C. C. Leão, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Ao Prof. Mariano de Matos Macedo pelo convívio, apoio, compreensão e amizade.

E aos meus amigos e familiares, pelo carinho e pela compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado.

O que distingue uma época econômica de outra, é menos o
que se produziu do que a forma de o produzir.
Karl Marx.

RESUMO

A estrutura industrial do Paraná vem passando por um processo de reestruturação de sua base produtiva. Entretanto, até chegar a essa fase atual, a indústria paranaense passou por diversas transformações, ganhando importância no cenário nacional a partir da expansão cafeeira na década de trinta. Nas décadas posteriores a estrutura industrial vai modernizando-se e diversificando-se acompanhando a nova ordem econômica que se estabelecia no país.

O presente trabalho tem como objetivo principal, analisar as mudanças ocorridas na indústria de transformação paranaense, procurando identificar as particularidades estruturais. O estudo evidencia as alterações nos segmentos industriais, utilizando-se as variáveis de Valor da Transformação Industrial (VTI) e Pessoal Ocupado (PO). A evolução de tais variáveis é apresentada focando a análise em três períodos distintos: 1996 – 2002; 2003 – 2006 e 2007 – 2010, esta divisão de períodos foi feita para facilitar a comparação entre os dados e mudança e também porque no último período adota-se novo código CNAE, limitando assim a comparação de dados entre os períodos anteriores.

Conclui-se que a performance da indústria paranaense foi sustentada principalmente pelos gêneros de refino de petróleo; automobilístico e alimentar. E que as indústrias com maior intensidade tecnológica aumentaram sua participação relativa no total do Estado em detrimento das indústrias tradicionais.

Palavras – chave: Indústria de transformação. Estado do Paraná. Valor da transformação industrial. Pessoal ocupado. Produtividade.

ABSTRACT

The industrial structure of Paraná has been undergoing a restructuring process of its production base. However, to reach this current phase, the industry of Paraná gone through several transformations, gaining prominence on the national scene from the coffee expansion in the thirties. In subsequent decades the industrial structure will be modernizing and diversifying watching the new economic order that was established in the country.

This study's main objective is to analyze the changes in the manufacturing industry of Paraná, seeking to identify the structural features. The study highlights the changes in the industrial segments, using the variables of Industrial Value Transformation (VTI) and Busy Staff (PO). The evolution of these variables is presented focusing the analysis into three distinct periods: 1996 - 2002, 2003 - 2006 and 2007 - 2010, this division of periods was done to facilitate comparison between the data and change and also because the last time we adopt CNAE is new code, thus limiting the comparison of data between the previous periods.

The main conclusions of the study are that the performance of the industry of the state was sustained mainly by the segments of petroleum refining, automotive, and food and beverage. And that industries with higher technological intensity increased their relative share in total state at the expense of traditional industries.

Key words: Manufacturing industry. State of Paraná. Value of manufacturing. Personnel employed. Productivity.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DESENVOLVIMENTO REGIONAL	8
QUADRO 2 – GRUPOS EMPRESARIAIS QUE DESAPARECERAM NOS ANOS 1990	23

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL PARANAENSE SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA NO PERÍODO DE 1996-2002	27
GRÁFICO 2 – PESSOAL OCUPADO SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA NO PERÍODO DE 1996-2002	29
GRÁFICO 3 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA NO PERÍODO DE 1996-2002	31
GRÁFICO 4 – VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL PARANAENSE SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA NO PERÍODO DE 2003-2006	35
GRÁFICO 5 – PESSOAL OCUPADO SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA NO PERÍODO DE 2003-2006	37
GRÁFICO 6 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA NO PERÍODO DE 2003-2006	39
GRÁFICO 7 – VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL PARANAENSE SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA NO PERÍODO DE 2007-2010	41

GRÁFICO 8 – PESSOAL OCUPADO SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA
NO PERÍODO DE 2007-201043

GRÁFICO 9 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO SEGUNDO A INTENSIDADE
TECNOLÓGICA NO PERÍODO DE 2007-201045

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DA RENDA INTERNA DO PARANÁ, SEGUNDO SETORES – 1970/1980	12
TABELA 2 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA RENDA INTERNA DO PARANÁ NA RENDA INTERNA DO BRASIL, SEGUNGO SETORES, 1970/1980	13
TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, SEGUNDO GÊNEROS INDUSTRIAIS, NO PARANÁ – 1970/1979	13
TABELA 4 – PARTICIPAÇÃO DE ALGUNS GÊNEROS NO VALOR AGREGADO INDUSTRIAL DO PARANÁ, EXCETUANDO-SE A PETROBRAS– 1975/1979	14
TABELA 5 – PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS GÊNEROS INDUSTRIAIS NO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ - 1985	18
TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS ANUNCIADOS, SEGUNDO A NATUREZA DO INVESTIMENTO – PARANÁ: 1995/2000	21
TABELA 7 – INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS ANUNCIADOS SEGUNDO ATIVIDADE – PARANÁ: 1995/2000	21
TABELA 8 – ESTRUTURA SETORIAL DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL E NO PARANÁ NO PERÍODO 1996 – 2002	25
TABELA 9 – PESSOAL OCUPADO NO BRASIL E NO PARANÁ NO PERÍODO 1996 - 2002	28
TABELA 10 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO 1996 – 2002	30

TABELA 11 – ESTRUTURA SETORIAL DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL E NO PARANÁ NO PERÍODO 2003 – 2006	34
TABELA 12 – PESSOAL OCUPADO NO BRASIL E NO PARANÁ NO PERÍODO 2003 – 2006	36
TABELA 13 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO 2003 – 2006	38
TABELA 14– ESTRUTURA SETORIAL DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL E NO PARANÁ NO PERÍODO 2007– 2010	40
TABELA 15 – PESSOAL OCUPADO NO BRASIL E NO PARANÁ NO PERÍODO 2007 – 2010	42
TABELA 16 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO 2007 – 2010	44

LISTA DE SIGLAS

BADEP – Banco de Desenvolvimento Paranaense

CIC – Cidade Industrial de Curitiba

CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas

CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná

FDE – Fundo de Desenvolvimento Econômico

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias

VTI – Valor da Transformação Industrial

PO – Pessoal Ocupado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 ANTECEDENTES	3
2.1 A INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA E A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL PAULISTA: UM BREVE HISTÓRICO.....	3
2.2 DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO BRASIL E NO PARANÁ.....	5
2.2.1 Fases do desenvolvimento regional da economia do país	5
2.2.2 Fases do desenvolvimento regional da economia do Paraná	7
3 O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO PARANÁ	9
3.1 A INDÚSTRIA PARANAENSE NOS ANOS SESSENTA	9
4 A INDÚSTRIA PARANAENSE E A ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA.....	15
4.1 A ESTRUTURA INDUSTRIAL NA DÉCADA DE OITENTA.....	16
5 REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA PARANAENSE.....	20
5.1 A INDÚSTRIA PARANAENSE NA DÉCADA DE NOVENTA	20
5.2 EVOLUÇÃO DOS GÊNEROS INDUSTRIAIS NO PERÍODO 1996 - 2002	25
6 A DINÂMICA RECENTE DA INDÚSTRIA PARANAENSE	32
6.1 A INDÚSTRIA PARANAENSE NOS ANOS 2000.....	32
6.2 EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS INDUSTRIAIS NO PERÍODO 2003 - 2006 ...	33
6.3 EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS INDUSTRIAIS NO PERÍODO 2007 - 2010 ...	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o desenvolvimento da economia paranaense tem sido estimulado principalmente pela expansão das atividades industriais provenientes de novos investimentos tanto de origem interna como externa. Até a década de sessenta a economia paranaense estava atrelada ao ciclo de exploração e beneficiamento de produtos agrícolas. A partir dos anos setenta, com o crescimento da economia nacional, a economia paranaense sofreu um processo de profundas transformações em base produtiva, contando com investimentos oriundos das políticas públicas de desenvolvimento regional, inseriu-se fortemente uma política de atração de investimentos industriais para o Estado do Paraná. A política de industrialização lançada no Estado fez surgir a empresa moderna, com amplas escalas de produção e com maior uso de tecnologias.

Durante a década de oitenta, o país sofreu com o quadro de “estagnação econômica”, com isso houve um declínio da tendência de crescimento iniciado na década anterior, porém o Paraná apresentou crescimento em sua base produtiva superior à registrada no país.

Na década de noventa, com a retomada do crescimento econômico do país e o fortalecimento da moeda, a economia paranaense passa a caminhar no sentido de modernizar e diversificar sua estrutura industrial.

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar as particularidades da evolução e da composição dos principais segmentos que compõem a indústria de transformação paranaense, buscando analisar as mudanças ocorridas na estrutura industrial do Estado, entre 1970 e 2010, utilizando como instrumental analítico as participações do Valor da Transformação Industrial (VTI) e Pessoal Ocupado (PO) no Estado.

Além dessa introdução, o trabalho apresenta no capítulo 2 um breve retrospecto sobre a industrialização brasileira a partir da década de 1930 e as fases do desenvolvimento regional brasileiro comparativamente com o desenvolvimento regional do Paraná. O capítulo 3 mostra como foi a evolução da indústria paranaense, passando de uma estrutura industrial rudimentar para uma estrutura

modernizante; o capítulo 4 aborda as mudanças estruturais da indústria na década de 1980, período de estagnação econômica; o capítulo 5 trata da estrutura industrial do Estado na década de 1990, considerando os dados da Pesquisa Industrial Anual feita pelo IBGE. O capítulo 6 aborda as características da estrutura industrial do Estado no período recente. E por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 ANTECEDENTES

Neste capítulo será exposto um breve retrospecto sobre a industrialização brasileira. A segunda parte do capítulo se refere às fases de desenvolvimento regional do Brasil comparativamente com o Paraná.

2.1 A INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA E A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL PAULISTA: UM BREVE HISTÓRICO

O processo de industrialização da economia brasileira ganhou impulso a partir da década de 1930. A acumulação do capital no setor cafeeiro estimulava a diversificação e o crescimento do setor industrial e, ao mesmo tempo, lhe colocava certos limites.

A concentração industrial se dava no território paulista, pois este já contava com unidades industriais mais complexas, com escalas de produção para atender todo o mercado nacional, além de oferecer as melhores condições de localização para os segmentos industriais. Sendo assim, inibia-se fortemente as possibilidades de instalação de novas unidades similares em outras regiões do país.

[...] A economia cafeeira de São Paulo foi a que apresentou o maior dinamismo no contexto nacional. Resolvendo pioneiramente sérios problemas de infraestrutura, criando um acúmulo de economias externas que beneficiariam a formação industrial, reduzindo-lhes os gastos de inversão e os custos de produção. (CANO, 1998, p. 244).

Para a compreensão de tal processo, Cano (1998) aponta dois momentos: o primeiro, denominado “concentração por estímulo”, que ocorreu fundamentalmente quando a produção industrial paulista cresceu atendendo à demanda das demais regiões, principalmente quando das restrições de importação de bens de capital, insumos e bens de consumo não duráveis impostas pela I Guerra Mundial; e o segundo momento, denominado “concentração por necessidade”, decorreu da diversificação e do crescimento da indústria paulista, na década de 1920, ou seja, para viabilizar o processo de acumulação de capital havia a necessidade de incorporar mercados nacionais. Portanto, o processo de concentração industrial

paulista teve uma dinâmica própria que foi gerando aos poucos dependência por parte das economias regionais. Dessa forma, foi se gerando um atraso aos segmentos industriais regionais em relação à indústria da região Sudeste.

A crescente participação da indústria paulista no total nacional e as modificações na pauta de comércio de São Paulo com as demais regiões fizeram com que o estado se tornasse uma economia exportadora de bens manufaturados e importadora de matérias-primas e alimentos, além de também revelarem a posição hegemônica de São Paulo quanto à produção industrial e sua maior autonomia relativa ante as demais regiões do país. Sendo assim, as regiões periféricas tiveram uma expansão reduzida e condicionada ao desenvolvimento da região Sudeste.

A autonomia dos estados foi afetada de modo drástico, e houve a imposição do controle federal sobre as atividades exportadoras das diversas regiões por meio da criação de órgãos federais, como o Instituto do Açúcar e do Alcool, o Instituto Brasileiro de Café, o Instituto Nacional do Pinho, o Instituto da Borracha e o Instituto do Mate.

As transações comerciais e financeiras passaram a ser controladas mais efetivamente através do Conselho Federal do Comércio Exterior e por meio da centralização do câmbio. O comércio interestadual foi incentivado pela eliminação dos impostos estaduais que incidiam sobre o comércio entre os estados, que funcionavam como verdadeiras barreiras alfandegárias, assim como pela ampliação e melhora do sistema de transportes existentes no país, fazendo com que houvesse maior grau de complementaridade econômica entre as regiões. No entanto, ao mesmo tempo em que essas medidas constituíam um espaço econômico unificado, traziam desvantagens para algumas regiões do país.

Obviamente, também os demais Estados periféricos não cafeeiros foram beneficiados, dado que vinham desde a década de 20 apresentando sofrível dinâmica de crescimento em face da debilidade de suas principais exportações para o exterior: a integração abria-lhes importante oportunidade de retomar o crescimento, via exportações para o mercado interno. Contudo, ao integrar-se no mercado, com ausência de barreiras protecionistas, pode-se ganhar na competição de determinados produtos, mas não de todos; participar do “mercado nacional aberto” significa também “abrir o mercado regional”. Dessa forma, a integração proporcionaria efeitos de estímulo, de inibição ou bloqueio e, até mesmo, de destruição. (CANO, 1998, p. 181).

A integração mencionada por Cano aconteceria a partir da década de cinquenta, concomitantemente a um processo de expansão industrial e desconcentração produtiva.

2.2 DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO BRASIL E NO PARANÁ

Nesta seção serão apresentadas fases de desenvolvimento da economia paranaense no contexto das transformações ocorridas na dinâmica da economia nacional.

2.2.1 Fases do desenvolvimento regional da economia do país

Segundo Galvão e Vasconcelos (1999) o desenvolvimento da economia brasileira pode ser caracterizado espacialmente por quatro fases: isolamento relativo ou arquipélago regional, articulação comercial, articulação produtiva e desenvolvimento regional difuso.

Os autores Macedo, Vieira e Meiners (2002), apoiando-se em Galvão e Vasconcelos (1999), reportam sobre estas fases: a fase do isolamento relativo ou dos arquipélagos regionais corresponde aos antigos complexos exportadores que dominavam as diversas regiões brasileiras até o século XX; a fase de articulação comercial corresponde à primeira etapa da industrialização no Brasil, centrada e polarizada pelo Sudeste do país, principalmente São Paulo, sendo que nessa fase as economias periféricas se ajustaram a esse centro; a fase de articulação produtiva corresponde a um processo de desconcentração espacial das atividades econômicas em relação ao centro dinâmico (São Paulo); e, por fim, a fase do desenvolvimento regional difuso – “*nem concentração, nem desconcentração*”, a qual começou a apresentar definições mais claras a partir dos anos 80.

As principais teses sobre as transformações recentes do desenvolvimento regional são analisadas por Diniz (1995), o qual defende a existência de um

processo de reconcentração espacial das atividades econômicas no Brasil, denominado “concentração poligonal”, e Pacheco (1999) identifica um processo de fragmentação de núcleos dinâmicos das atividades espalhadas no espaço do território nacional, denominados “ilhas de produtividade” (GALVÃO; VASCONCELOS, 1999, p.7)

Segundo a tese da concentração poligonal de Diniz (1995), os requisitos locacionais das atividades econômicas estão sofrendo forte mudança no contexto do processo de reestruturação produtiva. As localidades com vantagens preexistentes tendem a se ampliar ainda mais, uma vez que o crescimento das atividades de alta tecnologia age como poderosa força aglomerativa. No caso do Brasil, a concentração industrial prévia e a desigualdade do potencial de pesquisa e de renda dificultam um processo de desconcentração industrial para as regiões pobres ou vazias. Ou seja, não se trata de uma redistribuição regional da riqueza do Brasil, mas de uma “reconcentração amplificada” sobre a parte mais desenvolvida do território brasileiro. De acordo com Diniz (1995, p. 35) “(...) não resta dúvida de que as melhores condições para a localização de atividades de alta tecnologia estão predominantemente no Estado de São Paulo e secundariamente no corredor que vai de Belo Horizonte a Porto Alegre¹”.

Em contrapartida, a tese das ilhas de produtividade parte da constatação de que o intenso fluxo de investimentos verificado no Brasil, principalmente a partir de meados da década de noventa, aponta para uma reconfiguração da base produtiva.

[...] pode-se argumentar que está em curso sensível alteração na dimensão espacial do desenvolvimento brasileiro, em que uma possível continuidade da desconcentração das últimas décadas deve ser acompanhada pelo aumento da heterogeneidade interna das regiões brasileiras, com o surgimento de ilhas de produtividade em quase todas as regiões, crescimento relativo maior das antigas periferias nacionais e a importância maior do conjunto de cidades médias, perante as áreas metropolitanas [já forte e tradicionalmente industrializadas]. (PACHECO, 1999, p. 5).

Segundo Galvão e Vasconcelos (1999), as duas teses analisam a dinâmica espacial da economia brasileira com uma “visão mais próxima da escala microrregional ou local” e rompem com as visões mais tradicionais que focalizam a escala macrorregional do desenvolvimento brasileiro.

¹ Mais especificamente no polígono, com os seguintes vértices: Belo Horizonte, Triângulo Mineiro, Ribeirão Preto, Norte do Paraná, Porto Alegre, Curitiba, Rezende (RJ) e, novamente, Belo Horizonte.

2.2.2 Fases do desenvolvimento regional da economia do Paraná

A economia paranaense vem passando por constantes transformações durante as últimas décadas, de modo que é possível fazer um paralelo com relação as fases de desenvolvimento regional da economia brasileira.

A fase do isolamento relativo ou arquipélagos regionais – economicamente especializados e com relação de articulação entre si extremamente débeis, cuja dinâmica estava em estreita dependência dos mercados externos – corresponde a economia do “mate”.

A fase de articulação comercial corresponde ao que Padis (1981) chamou de “modelo de economia periférica”. Segundo Padis, grande parte da renda gerada no Paraná era canalizada para São Paulo, contribuindo fortemente para o desenvolvimento daquele estado, em detrimento do Paraná. (PADIS, 1981, p. 198-199).

A fase da articulação produtiva corresponde à diversificação da estrutura industrial: as indústrias tradicionais e de bens de consumo não duráveis perdem participação no total da indústria do Estado; ganham participação as indústrias de bens intermediários, de bens de capital e de consumo duráveis, com destaque para os gêneros químico (petroquímica e óleos vegetais em bruto), matérias plásticas, mecânica, material elétrico e material de transporte. Essa nova indústria passa a ter o caráter complementar em relação à estrutura industrial do país, cujo núcleo dinâmico centrava-se em São Paulo. Durante esta fase também se caracteriza a nova indústria / agroindústria pela presença de empresas com tecnologias modernas e grandes escalas de produção, voltadas ao mercado nacional e internacional. Constata-se que os capitais locais foram caudatários de capitais de outros estados ou do capital estrangeiro. Verifica-se também que a base do processo de geração de riqueza continuou a ser dada pela agroindústria, o reduzido grau de relações interindustriais e o processo de urbanização e metropolização.

E por fim, a fase de desenvolvimento regional difuso da economia brasileira, correspondendo à fase que se começa a definir um novo modelo de desenvolvimento regional da economia paranaense, principalmente a partir de meados dos anos 90. Caracteriza-se como sendo um modelo de integração da economia paranaense a redes de núcleos dinâmicos da economia brasileira.

De acordo com Galvão e Vasconcelos (1999), a ideia de complementaridade da economia paranaense em relação à de São Paulo vem sendo substituída pela noção de uma economia que se afirma como um dos elos da rede de núcleo dinâmicos, a qual está passando a definir o processo de criação de riquezas da economia brasileira. Em particular, as transformações na Região Metropolitana de Curitiba são tão intensas que estão correspondendo ao processo de emergência de uma cidade-região global. O Paraná tem se inserido de forma diversificada, com a predominância de investimentos na metal-mecânica e com um elevado potencial endógeno de efeitos diretos e de adensamento da matriz de relações interindustriais.

ECONOMIA BRASILEIRA	ECONOMIA PARANAENSE
Arquipélagos regionais - complexos regionais exportadores que perduraram até o início do século XX	Economia do Mate
Articulação Comercial - concomitante à primeira etapa da industrialização brasileira, concentrada principalmente em São Paulo – até nos anos 60	Economia Periférica à de São Paulo - expansão da economia cafeeira
Articulação Produtiva - processo de desconcentração espacial da atividade econômica em relação ao núcleo dinâmico da economia brasileira (São Paulo) - percorre os anos 70 e alcança os 80	Industrialização complementar à do núcleo dinâmico (São Paulo) - expansão da metal-mecânica e da agroindústria; - modernização da indústria tradicional (madeira, papel, alimentos, etc.);
Desenvolvimento Regional Difuso - concentração poligonal (região Centro-Sul) - ilhas de produtividade - a partir do final dos anos 80	Integração à Rede de Núcleos Dinâmicos da economia brasileira - forte diversificação da estrutura industrial e adensamento das relações interindustriais

QUADRO 1 – FASES DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

FONTE: MACEDO, M. M.; VIEIRA, V. F.; MEINERS, W. E. M. A. Fases de Desenvolvimento Regional no Brasil e no Paraná: da emergência de um novo modelo de desenvolvimento na economia paranaense (2002).

3 O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL NO PARANÁ

Este capítulo aborda como foi a evolução da indústria paranaense, passando de estrutura industrial rudimentar nos anos de 1960 até a década de 1970, período de grandes transformações e constituição de ramos importantes na indústria de transformação devido à incentivos governamentais.

3.1 A INDÚSTRIA PARANAENSE NOS ANOS SETENTA

Até a década de sessenta, o Paraná apresentava uma base econômica e industrial bastante rudimentar, atrelada ao ciclo de exploração e beneficiamentos de produtos agrícolas, com grande carência de mercados dinâmicos, infraestrutura, disponibilidade de capitais para investimentos industriais e sistemas de apoio e financiamento da estrutura produtiva.

Segundo IPARDES (1982), em “Economia e Sociedade”, até 1960 afirmava-se que, economicamente, existiam dois “Paraná’s”: o do norte cafeeiro e o resto do Estado, e entre os dois as relações econômicas eram extremamente fracas. O Norte era articulado à economia paulista, não apresentando condições para um expressivo crescimento industrial. Quando essa região começa a se expandir, São Paulo já contava com um imenso parque industrial e a produção agrícola do Norte dirigia-se para São Paulo, enquanto que as indústrias paulistas encontravam-se no Norte paranaense. Diante desta situação, dificilmente surgiria um capital industrial no Norte do Estado. Outro empecilho era que o sistema bancário e comercial ligado ao café paranaense tinha sua sede em São Paulo e seus possíveis excedentes financeiros, os quais poderiam ser investidos na indústria, seriam feitos em São Paulo, pois a região paranaense não contava com uma infraestrutura adequada à indústria. Desta maneira, a expansão cafeeira no Norte do Paraná era incapaz de impulsionar a indústria local e como mantinha fracas relações com o resto do Estado não apresentaria incentivos à indústria do resto do Estado.

Com a intenção de viabilizar o processo de industrialização do Estado, o Governo paranaense cria a CODEPAR - Companhia de Desenvolvimento

Econômico do Paraná, que tinha por intuito intervir diretamente na economia do Estado, incentivando o empresário paranaense a ampliar suas unidades produtivas e até mesmo criar novas indústrias. Neste sentido o governo paranaense assume um importante papel na fomentação de políticas públicas que desenvolvam o setor industrial do Estado, criando linhas de crédito e outros tipos de incentivos. (VERRI ; GUALDA, 2001, p. 48).

Em conjunto com a criação da CODEPAR, cria-se o FDE – Fundo de Desenvolvimento Econômico, segundo Verri e Gualda (2001, p. 49), “responsável pelos investimentos em infraestrutura que se faziam necessários naquele momento, visando a uma melhor integração regional e à criação de condições mínimas para a entrada de indústrias no Estado”.

Outro instrumento utilizado pelo Estado foi criação do Banco de Desenvolvimento Paranaense – BADEP, o qual também desempenhou papel essencial na montagem de mecanismos institucionais de apoio à indústria. Em suas políticas de financiamento priorizou as indústrias que possuíam uma dimensão na sua escala de produção capaz de suportar a concorrência, bem como empresas que apresentavam vantagens comparativas com relação a outros estados do país.

O Paraná tenta superar sua frágil situação dos anos 1960, elaborando um modelo de desenvolvimento próprio, sob responsabilidade da CODEPAR. Cria-se então o “projeto paranaense de desenvolvimento”, que assumia três objetivos principais, segundo Oliva Augusto (1978): a integração do Estado; integração vertical da indústria paranaense via processo de substituição de importações, principalmente de bens de capital e intermediário, na intenção de valorizar a reprodução do capital local; e o fortalecimento e a expansão dos pequenos e médios capitais locais.

Nesta época também foram realizados importantes investimentos em infraestrutura no Estado. Com vistas a sanar as diferenças entre o padrão de desenvolvimento da economia paranaense e o observado no centro dinâmico do país (São Paulo), o Governo do Estado passou a realizar uma política voltada para a infraestrutura básica de transporte rodoviário, produção e transmissão de energia elétrica e telecomunicações.

Além disso, passou a financiar novos empreendimentos. No entanto grande parte dos esforços foi canalizada para o financiamento da produção de pequenas e médias empresas, pois se acreditava que evitar-se-ia a formação de oligopólios e

monopólios, que são perniciosos ao desenvolvimento econômico; portanto que haveria maior competição entre as mesmas empresas e maior grau de eficiência ao sistema produtivo estadual (LEÃO, 1989, p. 21).

Passou-se então a priorizar determinados tipos de empresas, dando preferência aos ramos industriais altamente dinâmicos. Porém tais esforços não foram bem sucedidos porque o que se pretendia era repetir o processo de desenvolvimento da economia paulista a partir da expansão cafeeira.

Diante da constatação da impossibilidade de realizar um desenvolvimento autônomo no Paraná, o enfoque do projeto se altera. Segundo Leão (1989, p. 4) "... a tentativa de afirmar o Paraná frente a São Paulo via substituição de importações, cede lugar à concepção de um papel industrial complementar utilizando as vocações industriais do Estado".

Na década de 1970 a economia do Estado ingressa em uma etapa de expressiva expansão, aproveitando o quadro nacional bastante favorável. Esse crescimento também é reflexo de ações empreendidas ainda nos anos 1960, quando o Governo criou instituições de fomento ao desenvolvimento industrial e investiu em infraestrutura básica. O governo estadual não media esforços no sentido de promover a diversificação econômica no Paraná, e por meio de incentivos fiscais e governamentais trabalhava na intenção de atrair novos investimentos.

Um período importante desta década foi de 1975 a 1978 quando houve a consolidação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC); a instalação da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR), em Araucária; e a implantação de grandes indústrias de origem estrangeira, como a New Holland, Phillip Moris, Robert Bosch, Pfaff, Furukawa, Siemens, Volvo, dentre outras, as quais buscavam locais alternativos para localizar suas fábricas, em razão dos efeitos depressivos do I choque do petróleo de 1973 nas economias centrais.

A Cidade Industrial de Curitiba foi resultado de articulação e coordenação de todos de vários órgãos dos governos federal, estadual e municipal. A fim de promover a implantação de empresas industriais na região, foi oferecido, além de serviços de infraestrutura, a devolução da parte do antigo Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) recolhido pelas empresas para a Prefeitura de Curitiba, enquanto o município isentaria as empresas do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) pelo período de até 10 anos. A criação da Cidade Industrial de Curitiba e os incentivos fiscais vieram reforçar ainda mais a instalação de unidades industriais.

Segundo IPARDES (1981), em: "Paraná: Economia e Sociedade", existem três razões de ordem local que explicam o crescimento da indústria paranaense nos anos setenta:

- a) O Paraná dispunha de infraestrutura básica, como rede rodoviária moderna, ferrovias, porto marítimo, e energia elétrica;
- b) Existência de mecanismos institucionais de apoio à indústria, centrados no BADEP e em uma série de outros órgãos públicos voltados à atração de indústrias; além da proximidade com o mercado paulista;
- c) Agricultura dinâmica e modernizante, permitindo a instalação de agroindústrias.

A economia paranaense deixa de ser essencialmente agrícola e a estrutura industrial passa a sofrer profundas modificações. A indústria cresce a taxas elevadas, superando a participação da agricultura na renda interna paranaense.

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DA RENDA INTERNA DO PARANÁ, SEGUNDO SETORES – 1970/1980

ANOS	AGRICULTURA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1970	100	100	100	100
1971	175	119	118	132
1972	194	173	140	159
1973	214	230	176	195
1974	275	270	200	231
1975	285	293	228	253
1976	207	364	272	271
1977	314	418	275	309
1978	228	483	270	295
1979	235	489	293	311
1980	253	580	315	344

FONTE: IPARDES, 1980.

O acelerado crescimento da indústria paranaense faz com que haja uma alta taxa de incremento de sua renda interna, superando a renda nacional, e com isso eleva-se a participação da renda paranaense em relação à nacional. A participação do Paraná na produção industrial brasileira entre 1970 e 1980, salta de 2,96% para 6,13%, conforme Tabela 2.

TABELA 2 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA RENDA INTERNA DO PARANÁ NA RENDA INTERNA DO BRASIL, SEGUNDO SETORES – 1970/1980

ANOS	PARTICIPAÇÃO (%)			
	Setores			
	AGRICULTURA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL RENDA INTERNA
1970	12,33	2,96	5,46	5,46
1971	18,57	3,12	5,83	6,47
1972	18,93	3,97	6,30	6,98
1973	16,59	4,28	6,80	7,14
1974	18,49	4,20	7,11	7,49
1975	18,29	4,15	7,12	7,38
1976	11,95	4,83	7,68	7,23
1977	15,04	5,57	7,53	7,91
1978	11,19	6,11	6,42	6,90
1979	10,77	5,71	6,37	6,69
1980	11,32	6,13	6,38	6,86

FONTE: IPARDES, 1980.

Conforme Tabela 3, verifica-se que os gêneros que apresentavam maior participação no valor adicionado da indústria de transformação em 1970 eram: minerais não-metálicos (8,51%); produtos alimentares (23,67%); madeira (22,50%), têxtil (8,46%); química (7,73%) e papel e papelão (5,20%), que juntos eram responsáveis por 76,1% do valor da transformação industrial.

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, SEGUNDO GÊNEROS INDUSTRIAIS, NO PARANÁ – 1970/1979

GÊNERO	DISTRIBUIÇÃO (%)		
	1970	1975	1979
Extração e Transformação de Minerais Não- Metálicos	8,51	7,55	7,34
Metalurgia	3,24	3,02	2,99
Mecânica	3,28	3,22	3,00
Material Elétrico e de Comunicação	0,54	1,57	2,72
Material de Transporte	1,76	0,86	0,77
Madeira	22,50	18,59	14,56
Mobiliário	3,89	2,83	2,51
Papel e papelão	5,20	6,50	6,22
Borracha	0,78	0,37	0,19
Couros, Peles e Produtos similares	0,84	0,52	0,32
Química	7,73	2,54	30,21
Óleos	-	4,93	3,87
Adubos e Fertilizantes	-	3,50	3,37
Produtos Farmacêuticos e Medicinais e Perfumaria, Sabões e Velas	0,75	0,18	0,16
Produtos de Matéria Plástica	1,22	1,72	1,85
Têxtil	8,46	2,64	2,18
Vestuário, Calçados e Artigos de Tecidos	0,52	0,59	0,59
Produtos Alimentares	23,67	29,00	17,03
Bebidas	2,98	1,93	2,30
Fumo	0,17	1,43	3,66
Editorial e Gráfica	3,14	0,75	0,64
Diversos	0,82	5,76	0,64
TOTAL	100	100	100

FONTE: Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná, 1975 e 1979.

Em 1979, continuavam importantes os mesmos gêneros de 1970, com exceção do gênero têxtil, cuja participação cai de 8,46% para 2,18%. A presença da Petrobras no Estado faz com que o gênero de química eleve sua participação de 7,73% em 1970 para 30,21% em 1979.

A Tabela 4, abaixo, demonstra as grandes modificações na estrutura produtiva paranaense, perdendo importância relativa os gêneros tradicionais como madeira, química (executando-se a inserção da Petrobras) e produtos alimentares. Em contrapartida, os gêneros de recente presença no Estado, como metalurgia, mecânica, material elétrico e de comunicações e material de transporte ganham importância relativa.

TABELA 4 – PARTICIPAÇÃO DE ALGUNS GÊNEROS NO VALOR AGREGADO INDUSTRIAL DO PARANÁ, EXCETUANDO-SE A PETROBRAS – 1975/1979

GÊNERO	PARTICIPAÇÃO (%)	
	1975	1979
Metalurgia	2,9	3,2
Mecânica	3,8	4,8
Material elétrico e de comunicação	1,1	3,0
Material de transporte	1,0	1,2
Madeira	17,8	17,1
Química	10,3	9,1
Produtos alimentares	30,4	25,5

FONTE: Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná, 1975 e 1979.

A diversificação do parque industrial do Paraná foi acompanhada por um processo de reestruturação interna.

No gênero madeira, as transformações deram-se no sentido do maior aproveitamento de matéria-prima. As serrarias e resserrados perdem importância frente à participação dos grupos de fabricação de chapas e placas de madeira aglomerada ou prensada e chapas de madeira compensada. Isso se deu diante ao estreitamento da base de recursos naturais.

No gênero papel e papelão avançam as indústrias que requerem maior grau de elaboração da matéria-prima. Desta maneira diminui a participação do papel e elevam-se a de papelão, cartolinas e embalagens.

Na indústria química, com a instalação da Refinaria da Petrobras em 1977, aumenta a participação da fabricação de produtos do refino do petróleo, transformando-se assim em indústria petroquímica.

No setor de produtos alimentares o beneficiamento do café, cereais e afins perde expressão durante o período em favor de grupos como café solúvel, frigoríficos, refino de óleos vegetais, produtos do milho e produção de rações.

Na categoria de minerais não-metálicos, artigos de cimento e fibrocimento ganham espaço em relação ao fabrico de telhas, lajotas, tijolos e cal virgem.

Na indústria têxtil as usinas de descaroçamento de algodão perdem importância para atividades com maior grau de elaboração como as fiações.

No gênero de mecânica houve crescimento na produção de máquinas, aparelhos e equipamentos para agricultura, devido à expansão da fronteira agrícola. Já no gênero de material elétrico e comunicações, grupos produtores de geradores, transformadores e máquinas elétricas manuais perdem espaço para os grupos produtores de máquinas e aparelhos eletrônicos, bem como aparelhos e equipamentos de comunicação.

Por fim, o segmento de material de transporte deixa de produzir carroças e carrocerias para produzir veículos automotores.

Em síntese, a expansão industrial dos anos setenta trouxe a diversificação do aparelho produtivo. A indústria paranaense não somente se diversificou pela incorporação da produção de novos gêneros, com amplas escalas de produção e uso de tecnologias modernas, como também pelo desenvolvimento de determinados produtos que exigem maior grau de elaboração da matéria-prima como no caso dos gêneros tradicionais.

4 A INDÚSTRIA PARANAENSE E A ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA

Esta seção se refere à estrutura industrial do Estado durante a década de 1980, destacando que apesar do mau desempenho da economia brasileira, o Paraná, continuou sua trajetória de modernização, ainda que em menor grau que na década anterior.

4.1 A ESTRUTUA INDUSTRIAL NA DÉCADA DE 80

A década de oitenta ficou conhecida como sendo a década “perdida”, devido à desequilíbrios que ocorreram na economia nacional, que teve rebatimento em praticamente todas as unidades da Federação.

Segundo o IPARDES (1991, p. 21), a estagnação econômica brasileira da década de 1980, não teve somente uma causa e sim um encadeamento de fatores, listados a seguir: a) desequilíbrios das contas externas; b) interrupção dos fluxos internacionais; c) indefinição de esquemas viáveis de financiamento dos investimentos de longo prazo; d) baixo nível de inversões em aumento da capacidade produtiva da economia, especialmente por parte do setor público nos setores de insumos básicos e infraestrutura; e) queda do poder aquisitivo dos salários associada a elevadas taxas de inflação; f) crescente atraso científico e tecnológico, entre outros.

Segundo o IPARDES (1996), a economia do país passou por um período pós-80 caracterizado por quatro movimentos distintos:

- a) Entre 1981 e 1983: forte crise devido a uma política recessiva adotada pelo governo federal, particularmente sobre os setores produtores de bens de consumo duráveis e de capital;
- b) Entre 1984 e 1985: recuperação sustentada pelos setores exportadores de bens intermediários;
- c) Em 1986: crescimento decorrente da estabilização econômica, com superaquecimento da economia;
- d) Em 1987: forte recessão, decorrente das dificuldades do setor industrial, motivada pela queda do poder aquisitivo da população.

De acordo com Trintin (2006), dois momentos caracterizam a indústria brasileira neste período: a profunda crise iniciada em 1981, que vai até meados de 1984, resultado de uma política econômica ortodoxa recessiva implementada pelo Governo Federal e monitorada pelo Fundo Monetário Internacional, que atingiu os setores produtores de bens de consumo duráveis e bens de capital; e o período de recuperação econômica, iniciado a partir de meados de 1984, amplamente sustentado pelos setores mais ligados às exportações de bens intermediários.

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil nos anos oitenta foi em média 2,2% ao ano, contra uma taxa de 8,7% da década de setenta. Poucos foram os segmentos dinâmicos na economia brasileira nos anos oitenta. Destacando-se: extração de petróleo e álcool; mecânica leve e máquinas agrícolas; minerais não metálicos; siderurgia; metalurgia e papel e papelão. Nos insumos básicos, a carne e a soja, e o suco de laranja na agroindústria (VASCONCELOS; CASTRO, 1999, p. 10).

A economia paranaense, no entanto, se mostrou bastante diferenciada ao longo da década de oitenta, pois apresentou um crescimento superior ao observando para o conjunto da economia brasileira, com uma taxa média de 5,6% a.a. Durante a recessão dos primeiros anos, o Paraná não foi seriamente prejudicado em decorrência do desempenho favorável da agropecuária e de alguns ramos industriais, como o produtor de alimentos e a indústria química. A recuperação de 84-85 não ocorreu de forma abrangente devido à crise na agropecuária e nos principais segmentos industriais do Estado. Entretanto, o período de 1985 foi de expansão motivada pela recuperação da agropecuária e dos setores industriais. Em 1986, enquanto o país crescia, o Paraná estava em crise devido a problemas climáticos que causaram a quebra da produção agropecuária. No período de desaquecimento da economia nacional em 1987 até a recuperação no segundo trimestre de 1989, o Paraná passou por períodos de expansão e crise, principalmente em decorrência dos resultados positivos e negativos da agropecuária e da agroindústria (ROLIM, 1995, p. 58-59).

Segundo Magalhães, a crise dos anos oitenta fez com que a economia estadual se ajustasse à nova realidade econômica do país e buscasse competitividade frente à nova realidade:

[...] impedidos de continuar a expandir-se com os mesmos padrões dos anos 70, os agentes dinâmicos que mudaram a fisionomia econômica do Paraná foram forçados a concentrar-se em elevar seus padrões de competitividade. Os que assim o fizeram mantiveram seu crescimento, capitalizando ainda mais a economia, gerando mais valor e conseguindo manter ou ampliar mercados nacionais e estrangeiros, adaptando-se a um panorama de redução de crescimento, crise e incerteza quanto ao comportamento futuro da economia. (MAGALHÃES, 1993, p. 31-52).

As atividades produtivas no território paranaense, mesmo em menor grau, se mantiveram em crescimento, mesmo diante às condições adversas a nível nacional, devido à existência de um conjunto de fatores estruturais como:

- a) aumento da oferta de produtos da agropecuária do Estado e a diversificação das atividades da agroindústria;
- b) amadurecimento de grandes inversões realizadas em atividades de segmentos modernos e/ou novos da indústria paranaense no final da década de setenta e início dos anos oitenta, destacando-se as atividades relacionadas com a produção de ônibus, caminhões, papel de imprensa, malte, fertilizantes nitrogenados etc.;
- c) investimentos aplicados no aumento da capacidade produtiva, realizados por empresas integrantes do complexo metal-mecânico;
- d) materialização de grandes inversões realizadas pelo setor privado, sobretudo nas atividades do setor industrial (IPARDES, 1991, p. 27).

Conforme a Tabela 5, verifica-se que a indústria paranaense evoluiu numa dinâmica ligada às atividades mais modernas da economia brasileira e de implantação recente. Houve uma maior participação dos gêneros dos grupos de bens de capital e de bens de consumo duráveis, a saber: mecânica, de 4,93% para 5,44%; material elétrico e de comunicação, de 3,90% para 6,12%; e material de transporte, 2,11% para 4,03%. A dinâmica do gênero de material elétrico e de comunicação pode ser explicada pelo avanço da urbanização que teria permitido o surgimento e reprodução de inúmeros serviços de reparos e reposição de máquinas e equipamentos. Em relação ao gênero material de transporte, traduz principalmente as atividades de montadoras de veículos pesados.

As atividades de produção relativas a produtos alimentares; e química também se destacaram no período com participações de 22,42% e 24,94%, respectivamente, no valor adicionado da indústria de transformação paranaense.

TABELA 5 – PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS GÊNEROS INDUSTRIAIS NO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ – 1985 (CONTINUA)

GÊNEROS INDUSTRIAIS	1980 Participação (%)	1985 Participação (%)
Extração de minerais e transformação de produtos minerais não metálicos	7,59	5,38
Metalurgia	3,78	2,61
Mecânica	4,93	5,44
Material elétrico e de comunicações	3,90	6,12
Material de transporte	2,11	4,03
Madeira	15,86	6,97

TABELA 5 – PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS GÊNEROS INDUSTRIAIS NO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ – 1985 (CONCLUSÃO)

GÊNEROS INDUSTRIAIS	1980 Participação (%)	1985 Participação (%)
Mobiliário	3,35	2,53
Papel e papelão	5,89	5,58
Borracha	0,67	0,50
Couro, peles e produtos similares	0,41	0,65
Química	14,83	24,94
Produtos farmacêuticos, perfumaria, velas e sabões	0,53	0,66
Produtos de matérias plásticas	1,49	1,54
Têxtil	5,19	4,91
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	1,30	1,34
Produtos alimentares	24,18	22,42
Bebidas	1,13	1,37
Fumo	0,48	0,54
Editorial e gráfica	1,21	0,97
Indústrias diversas	1,17	1,50
TOTAL	100	100

FONTE: IBGE, 1980 e 1985.

Em contrapartida, ocorreu uma redução relativa da participação de alguns bens intermediários como: minerais não metálicos (7,59% para 5,38%); madeira (15,86% para 6,97%); mobiliário (3,35% para 2,53%); papel e papelão (5,89% para 5,58%); e borracha (0,67% para 0,50%). A queda do gênero de minerais não-metálicos se dá pela inclusão de novos materiais, especialmente no ramo cerâmico. O declínio dos gêneros madeira e mobiliário resultou do fato de que não conseguiram dar respostas tecnológicas e organizacionais para enfrentar o estreitamento da base de recursos naturais.

Em síntese, podemos dizer que a economia paranaense sofreu os reflexos da crise estrutural pela qual passava a economia do país nos anos oitenta, mas que, no entanto, o estado teve um crescimento qualitativo de suas atividades industriais: ocorreu uma diversificação dos setores industriais, incorporando empresas dinâmicas com maior capacidade de desenvolver a economia do estado. Ao final dos anos oitenta, a economia do Paraná atinge um patamar relativamente distinto das demais regiões do Brasil, tendo condições de abertura para um bom desempenho nos anos 1990.

5 REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA PARANAENSE

Este capítulo sintetiza os principais resultados relacionados ao crescimento da base produtiva estadual num contexto de moderada expansão da economia nacional.

5.1 A INDÚSTRIA PARANAENSE NA DÉCADA DE NOVENTA

A década de noventa foi marcada por uma nova dinâmica na economia nacional, principalmente a partir da implantação do Plano Real. Um volume considerável de capitais externos passou a ingressar no país por vários fatores, seja em razão dos estímulos criados pelas privatizações das empresas estatais, seja pela manutenção de posições nos mercados nacional e estrangeiro diante de acordos de comércio no âmbito do Mercado Comum do Sul (Mercosul), ou mesmo pela maior abertura e estabilidade da economia nacional.

A vinda dos capitais externos criou estímulos para a retomada dos investimentos em setores estratégicos para o crescimento da indústria nacional e o Paraná se aproveitou das oportunidades abertas pelo novo ciclo expansivo do país, começando a atrair novos investimentos para o estado.

Segundo Lourenço, o Paraná entrou em uma nova fase nos anos 1990:

“encontra precedente apenas dois momentos da história econômica paranaense: o início dos anos 1960, marcado pela montagem do aparelho infraestrutural; e a década de 1970, contemplando a modernização agrícola e agroindustrial, em sua primeira metade, e um embrião de diversificação e sofisticação produtiva com a instalação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) e da Refinaria de Petróleo, no segundo quinquênio” (LOURENÇO, 2000, p. 49).

A característica mais dominante do ciclo recente de investimentos no país eram os ganhos de eficiência de capital, complementando os ganhos de eficiência do trabalho alcançados na primeira metade da década, por esforços de desverticalização e redução do pessoal ocupado.

Em contrapartida, a indústria paranaense ampliou sua qualidade e produtividade, além de executar inversões de caráter modernizante. A estrutura produtiva do Estado reduziu o emprego, elevou os níveis de eficiência, acrescentada nos anos posteriores por ganhos de eficiência advindos da modernização nas novas plantas e nas já existentes, e transformou qualitativamente as estruturas produtivas e empresariais via reestruturações patrimoniais em âmbito nacional, com inserção de empresas importantes e de grande porte no Estado, principalmente nos segmentos alimentício (laticínios e carnes) e mecânico (*freezers*).

TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS ANUNCIADOS, SEGUNDO A NATUREZA DO INVESTIMENTO – PARANÁ: 1995/2000

NATUREZA DO INVESTIMENTO	PARTICIPAÇÃO (%)
Implantação	64,7
Ampliação	20,8
Modernização	7,4
Ampliação e Modernização	7,1
TOTAL	100

FONTE: IPARDES, 1995 e 2000.

A indústria estadual ampliou e diversificou sua capacidade instalada, devido à retomada de investimentos estrangeiros no país, desconcentração produtiva em âmbito nacional e à recuperação de investimentos em diversos segmentos industriais, motivada pela retomada do mercado interno. A diversificação ocorreu em direção a cadeias agroindustriais extrativas e em setores de maior intensidade de escala, principalmente o automobilístico, o siderúrgico e o madeireiro, conforme Tabela 7.

TABELA 7 – INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS ANUNCIADOS SEGUNDO ATIVIDADE – PARANÁ: 1995/2000

ATIVIDADE	PARTICIPAÇÃO (%)
Automobilística	64,70
Alimentar	9,89
Madeireira	7,94
Siderúrgica e Metalúrgica	4,02
Outros	13,45
TOTAL	100,00

FONTE: IPARDES, 1995 e 2000.

O Paraná desenvolveu uma política de atração de investimentos, amparada pelo decreto 1511 de dezembro de 1995, pela Lei 2736 de dezembro de 1996, e

também pela Lei 9895 de 08/01/92, que autorizava o Poder Executivo a implementar mecanismos de concessão de auxílio temporário às empresas do setor produtivo estabelecidas no território do Paraná.

Segundo Firkowski (2001), os principais objetivos eram:

- a) atrair novos investimentos industriais para o Estado;
- b) oferecer condições de integração de cadeias produtivas prioritárias ao interesse econômico e social do Estado;
- c) criar fornecedores de partes, peças e componentes dos gêneros mecânico, material elétrico e de comunicações, material de transporte e química;
- d) apoiar a modernização tecnológica e o desenvolvimento de novos produtos, financiando gastos com pesquisa e desenvolvimento contratados em instituições localizadas no Estado;
- e) incentivar o investimento através da apropriação total dos créditos de ICMS pagos na aquisição ou transferência de bens de capital (Programa Paraná Mais Emprego: [...] criado em dezembro de 1996 (decreto estadual 2736), representava uma versão aprimorada tanto do Programa Bom Emprego Fiscal (1992- Lei Aníbal Curi) quanto do Programa de Fomento à industrialização (PEFI), lançado em 1978. Seu alvo básico era o investimento produtivo, proporcionando à empresa nova instalada a prorrogação do prazo de recolhimento do ICMS por 48 meses e pagamento em outros 48 meses com correção monetária. (LOURENÇO, 2003, p. 96).

Os investimentos, no entanto, foram centrados em poucas atividades, principalmente indústria automobilística e indústria de produtos alimentares. Após o anúncio de incentivos fiscais, os grupos automotivos estrangeiros General Motors, Volks/Audi, Ford, Peugeot, Renault, Honda, Toyota, Mercedes Bens, Mitsubishi e Chrysler iniciaram as negociações com o governo estadual. Após as negociações, a Renault e a Volkswagen/Audi decidiram investir no município de São José dos Pinhais, e a Chrysler no município de Campo Largo. Ocorreu também a expansão das grandes unidades já instaladas, como Volvo, New Rolland, Bernard Krone e Robert Bosch.

A vinda das empresas para o Paraná também está associada à proximidade de comercialização que se pode realizar através do Estado com o Mercosul, em razão das boas condições de infraestrutura econômica e na proximidade com o porto de Paranaguá.

Ao mesmo tempo em que empresas chegam ao Estado, outras desaparecem durante a década de noventa. A ausência de programas de adaptação ao cenário de globalização, abertura econômica, e a presença de juros altos e câmbio valorizado justificam este fenômeno. O que ocorreu foi a falta de maior mobilização das lideranças empresariais do Estado, no sentido de reivindicar junto ao governo federal a criação de mecanismos capazes de suavizar as dificuldades de adaptação das empresas regionais ao panorama de liberalização e estabilização econômica (LOURENÇO, 2001, p. 10). Outro fator de grande importância foi que o governo federal não criou ações para viabilizar o atendimento aos pequenos investimentos e propiciar tratamento igual entre as empresas novas e as já existentes.

O Quadro 2, lista as principais empresas que desapareceram ou foram absorvidas por grupos externos.

GRUPO REGIONAL	CAPITAL EXTERNO		NATUREZA DA OPERAÇÃO
	NOME	PROCEDÊNCIA	
SERVIÇO			
Bamerindus	HSBC	Inglaterra	Aquisição
Banestado	Itaú	Brasil/SP	Aquisição
Telepar	Brasil Telecom	Itália/EUA	Aquisição
COMÉRCIO			
Disapel	Ponto Frio	Brasil	Aquisição
Mercadorama	Sonae	Portugal	Aquisição
Real	Sonae	Portugal	Aquisição
Senff	Sonae	Portugal	Aquisição
Coletão	Sonae	Portugal	Aquisição
Supermercados Muffatão	Sonae	Portugal	Aquisição
Parati	Sonae	Portugal	Aquisição
Drogamed/Minerva	Sonae	Portugal	Aquisição
INDÚSTRIA			
Frigorífico Chapecó	Macri	Argentina	Aquisição
Eletrofrio	L.A. Darling	Estados Unidos	Aquisição
Coopagro	Fiasul	Brasil	Aquisição
Papel Imprensa AS (PISA)	Norske Skog	Noruega	Aquisição
Batavo	Parmalat	Itália	Incorporação (51% das ações)
Batávia (Parmalat/Batavo)	Perdigão	Brasil	Compra da divisão de carnes
Refrigeração Paraná	Electrolux	Suécia	Aquisição
Plastipar	Hettich	Alemanha	Fusão (60% do capital alemão)
Fósforos Irati	Inácio Ferro	Espanha	Aquisição
Brasholanda	Polarcup	Holanda	Aquisição
Herbitécnica	Defensa	Brasil (RS)	Fusão
Impressora Paranaense	Dixie Toga	Brasil (SP)	Aquisição
Inpacel	Champion	Estados Unidos	Aquisição
Parnaplast	Zemi	Estados Unidos	Aquisição
Emilio Romani/Diana	Satco Trading S/A	França	Aquisição
Leão Jr	Coca-Cola	Estados Unidos	Aquisição

QUADRO 2 – GRUPOS EMPRESARIAIS PARANAENSES QUE DESAPARECERAM NOS ANOS 90

FONTE: Destaques econômicos. **Análise Conjuntural**. Curitiba: IPARDES, 1997- 2001.

As atuais transformações na indústria estadual podem ser evidenciadas a partir dos dados obtidos através da Pesquisa Industrial Anual feita pelo IBGE. A seguir, serão analisados os dados sobre Valor da Transformação Industrial (VTI), variável obtida pela diferença entre o valor bruto da produção industrial e o custo das operações industriais; e Pessoal Ocupado (PO), número de pessoas ocupadas, com ou sem vínculo empregatício, as informações referem-se à data de 31/12 do ano de referência da pesquisa. A evolução de tais variáveis é apresentada focando a análise em três períodos distintos: 1996 – 2002; 2003 – 2006 e 2007 – 2010, esta divisão de períodos foi feita com intuito de facilitar a comparação entre os dados. Convém ressaltar que pesquisas anteriores a 1996 utilizam sistema de amostragem diferente, além de uma classificação setorial distinta. Além disso, para o último período é adotado o novo código CNAE limitando a comparação de dados entre os períodos anteriores.

Os dados até 2006 possuem a versão CNAE 1.0, a partir de 2007 passa-se a considerar a versão CNAE 2.0. Segundo o IBGE, com o objetivo de manter a comparabilidade internacional, bem como de dotar o país com uma classificação de atividades econômicas atualizada com as mudanças no sistema produtivo das empresas, passou a vigorar a versão 2.0 da CNAE.

Várias são as mudanças introduzidas na revisão da classificação, e as razões que justificam a maior parte dessas mudanças podem ser divididas em três grandes categorias: a) introdução de novos conceitos nos níveis mais agregados para refletir atividades emergentes; b) mudanças necessárias para reagrupar as atividades residuais resultantes das mudanças anteriores; e c) ajustes menores e esclarecimentos de conceitos nos níveis mais detalhados, em geral visando a melhorar a comparabilidade internacional.

Na indústria de transformação, há atividades industriais que passaram a ser representadas em níveis mais detalhados como a de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (que agora inclui a fabricação de substâncias radioativas para diagnóstico), as atividades de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos, e deslocamento, parcial ou total, das atividades de edição, impressão e reprodução de gravações e da divisão de reciclagem para outras seções da CNAE 2.0.

5.2 EVOLUÇÃO DOS GÊNEROS INDUSTRIAIS NO PERÍODO 1996 - 2002

TABELA 8 – ESTRUTURA SETORIAL DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL E PARANÁ, NO PERÍODO 1996 - 2002

Setor Atividade	BRASIL				PARANÁ				1996 VTI PR/BR (%)	2002 VTI PR/BR (%)
	1996		2002		1996		2002			
	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART		
Alimentos e bebidas	27.016.834	18,44	52.110.615	17,54	2.455.032	29,46	5.406.479	24,90	9,08	10,37
Fumo	1.766.751	1,21	2.808.296	0,95	312.076	3,75	141.100	0,65	17,66	5,02
Têxtil	5.123.086	3,50	7.620.737	2,56	152.700	1,83	435.475	2,01	2,98	5,71
Vestuário e acessórios	2.943.386	2,05	3.846.491	1,29	117.894	1,41	275.123	1,27	4,01	7,15
Couro	3.283.102	2,24	6.591.736	2,28	68.665	0,82	129.674	0,66	2,09	1,96
Madeira	1.4911.00	1,02	4.162.603	1,40	440.963	5,29	1.299.345	5,92	29,57	31,21
Celulose e papel	5.777.484	3,94	14.615.922	4,92	465.089	5,55	1.883.087	8,67	8,05	12,88
Edição, impressão e gravações	6.771.177	4,62	9.310.281	3,13	286.685	3,47	423.383	1,95	4,22	4,54
Petroquímica	9.144.879	6,24	31.788.080	10,70	466.697	5,60	2.295.070	10,57	5,10	7,21
Produtos químicos	19.338.874	13,20	36.486.790	12,22	565.974	6,79	1.423.119	6,55	2,97	3,90
Borracha e plástico	6.114.795	4,17	10.134.781	3,41	226.912	2,72	471.481	2,17	3,71	4,65
Minerais não metálicos	5.105.205	3,44	12.188.325	4,10	317.358	3,81	874.399	4,03	6,21	7,17
Metalurgia básica	8.510.230	5,81	22.769.893	7,66	103.210	1,24	229.973	1,06	1,21	1,01
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	5.199.846	3,55	9.177.417	3,09	241.563	2,90	497.055	2,29	4,64	5,41
Máquinas e equipamentos	10.516.832	7,18	17.885.034	6,02	680.383	8,16	1.342.904	6,19	6,47	7,50
Máquinas para escritório e equip. de informática	881.727	0,60	2.294.556	0,77	17.094	0,21	43.240	0,20	1,93	1,88
Máquinas e aparelhos e materiais elétricos	4.128.468	2,82	6.710.245	2,26	227.055	2,72	420.721	1,94	5,49	6,27
Eletroeletrônica e telecomunicações	5.295.227	3,61	8.754.426	2,95	505.495	6,07	746.512	3,44	9,55	8,53
Equipamentos médico-hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios	1.201.649	0,82	2.413.952	0,81	84.923	1,02	170.044	0,78	7,07	7,03
Veículos automotores, reboques e carrocerias	12.453.446	8,50	23.223.905	7,82	280.047	3,36	2.531.194	11,66	2,24	10,90
Equipamentos de transporte	1.300.919	0,89	6.887.540	2,31	19.662	0,24	19.991	0,09	1,51	0,29
Móveis e indústrias diversas	3.102.487	2,11	5.230.209	1,76	295.548	3,55	639.077	2,94	9,52	12,21
Reciclagem	52.863	0,04	158.351	0,05	2.003	0,03	12.331	0,06	3,79	7,79
TOTAL	146.520.367	100	297.170.183	100	8.333.030	100	21.710.775	100		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 1996 e 2002.

As participações relativas dos gêneros industriais na composição do Valor da Transformação Industrial paranaense ficam evidenciadas na Tabela 8, onde podemos analisar as mudanças na estrutura industrial do Estado, comparando-se com o total da indústria nacional.

Considerando as variações na evolução da participação dos gêneros industriais no total da indústria paranaense no período de 1996 – 2002, vemos que houve um maior dinamismo em alguns segmentos industriais como: têxtil (1,83% para 2,01%); madeira (5,29% para 5,92%); petroquímica (5,60% para 10,57%) e fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias (3,36% para 11,66%), sendo as duas últimas variações ainda mais expressivas.

Em relação ao segmento petroquímico, o crescimento pode ser atribuído pela diversificação e ampliação da produção na Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR), em Araucária. Adicionalmente, a elevação do VTI setorial foi fortemente influenciada pela alta dos preços dos combustíveis, que por sua vez, refletiu as variações cambiais e a trajetória ascendente da cotação do petróleo no mercado internacional.

O aumento da participação do complexo automobilístico na renda gerada pela indústria paranaense decorreu dos investimentos realizados dentro do Estado, e também diante do aumento da representatividade das montadoras locais no plano nacional. Segundo o IPARDES (2005), neste período o setor automotivo (montadoras, autopeças, cabines, carrocerias e reboques) praticamente duplicou o número de unidades industriais. Após a consolidação do pólo automotivo, este segmento estava perdendo apenas para o setor de refino de petróleo.

Por outro lado, alguns segmentos tornaram-se muito menos representativos no total do Estado, foram os segmentos classificados como intensivos em recursos naturais, dentre eles: a fabricação de produtos alimentícios e bebidas (29,46% para 24,90%); produtos do fumo (3,75% para 0,65%); couro (0,82% para 0,66%) e indústria moveleira (3,55% para 2,94%).

Analisando a participação dos setores industriais paranaenses em relação ao total da indústria nacional, os cinco setores que apresentaram maior dinamismo foram: alimentos e bebidas (9,08% para 10,37%); vestuário e acessórios (4,01% para 7,15%); papel e celulose (8,05% para 12,88%); fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (2,24% para 10,90%); e fabricação de móveis e diversos (9,52% para 12,21%). Em contrapartida, os segmentos de fabricação de

produtos do fumo (17,66% para 5,02%); couro (2,09% para 1,96%); metalurgia básica (1,21% para 1,01%); eletroeletrônica e telecomunicações (9,55% para 8,53%); e equipamentos de transporte (1,51% para 0,29%) reduziram suas participações.

A indústria do Estado caminha em direção a uma estrutura mais produtiva com importante participação de segmentos com maior intensidade tecnológica, como é o caso do setor automotivo.

Conforme Nojima (2002), podemos dividir os ramos industriais do Estado em três grupos: Tradicional, Fornecedor e Tecnológico. O grupo Tradicional integra ramos altamente segmentados, com escala de produção inferior à dos grupos anteriores e que exigem menores gastos em P&D. O grupo Fornecedor integra as indústrias com elevadas escalas, bens homogêneos e processos produtivos contínuos. O grupo Tecnológico abrange as indústrias intensivas em tecnologia e que possuem elevada escala de produção, que atuam no mercado de bens de capital e de bens de consumo durável.

Desta forma, se analisarmos o Valor da Transformação Industrial paranaense segundo a intensidade tecnológica, conforme Gráfico 1, temos que o Grupo Tradicional detém a maior parte do valor da transformação industrial do Estado, no período de 1996 a 2002, no entanto observa-se que os grupos fornecedor e tecnológico estão aumentando sua participação no total industrial do Estado, o que indica que a indústria está se diversificando e se modernizando.

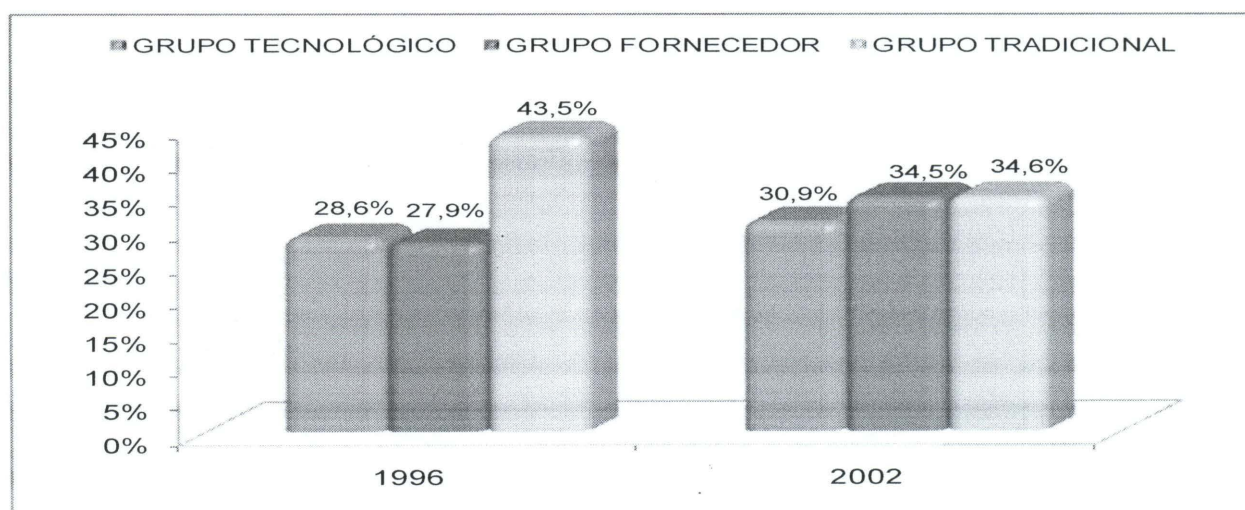


GRÁFICO 1 – VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL PARANAENSE SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 1996 – 2002

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 1996 e 2002.

TABELA 9 – PESSOAL OCUPADO NO BRASIL E NO PARANÁ, NO PERÍODO 1996 - 2002

Setor Atividade	BRASIL				PARANÁ				1996 PO PR/BR (%)	2002 PO PR/BR (%)
	1996		2002		1996		2002			
	PO Em 31.12	(%) PART	PO Em 31.12	(%) PART	PO Em 31.12	(%) PART	PO Em 31.12	(%) PART		
Alimentos e bebidas	752.368	18,67	850.720	20,30	65.456	21,23	89.495	22,63	8,70	10,52
Fumo	21.014	0,52	15.498	0,37	2.570	0,83	451	0,11	12,22	2,91
Têxtil	259.534	6,44	235.269	5,61	10.131	3,29	12.500	3,16	3,90	5,31
Vestuário e acessórios	241.866	6,03	261.984	6,25	19.431	6,30	39.566	10,01	8,03	15,10
Couro	238.244	5,91	308.577	7,36	5.389	1,75	6.059	1,53	2,26	1,96
Madeira	116.954	2,90	147.070	3,51	35.756	11,60	46.474	11,75	30,57	31,60
Celulose e papel	128.421	3,19	123.163	2,94	15.073	4,89	16.177	4,09	11,74	13,13
Edição, impressão e gravações	131.769	3,27	121.884	2,91	8.728	2,83	12.280	3,11	6,62	10,07
Petroquímica	129.443	3,21	67.474	1,61	18.733	6,08	4.432	1,12	14,47	6,57
Produtos químicos	256.383	6,36	264.753	6,32	9.570	3,10	14.884	3,76	3,73	5,62
Borracha e plástico	205.245	5,09	215.699	5,15	11.103	3,60	15.330	3,88	5,41	7,11
Minerais não-metálicos	184.267	4,57	194.989	4,65	16.132	5,23	19.213	4,86	8,75	9,85
Metalurgia básica	159.709	3,96	151.383	3,61	2.868	0,93	3.512	0,89	1,80	2,32
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	200.571	4,98	209.669	5,02	12.408	4,03	21.823	5,52	6,19	10,41
Máquinas e equipamentos	283.847	7,04	285.432	6,81	20.425	6,63	24.082	6,09	7,20	8,44
Máquinas para escritório e equip. de informática	12.387	0,31	13.471	0,32	374	0,12	1.008	0,25	3,02	7,48
Máq. aparelhos e materiais elétricos	122.686	3,04	123.901	2,96	6.370	2,07	9.807	2,48	5,20	7,92
Eletroeletrônica e telecomunicações	76.914	1,91	63.877	1,52	4.210	1,37	2.870	0,73	5,47	4,49
Equip. médico-hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios	39.353	0,98	42.876	1,02	1.690	0,55	2.195	0,56	4,29	5,11
Veículos automotores, reboques e carrocerias	265.962	6,60	261.902	6,25	10.734	3,48	19.762	5,01	4,04	7,55
Equipamentos de transporte	34.025	0,84	48.355	1,15	1.269	0,41	1.034	0,26	3,73	2,14
Móveis e indústrias diversas	166.228	4,13	178.385	4,26	29.721	9,64	31.818	8,04	17,88	17,84
Reciclagem	2.150	0,05	4.338	0,10	110	0,04	630	0,16	5,12	14,52
TOTAL	4.029.341	100	4.190.669	100	308.253	100	395.402	100		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 1996 e 2002.

Na configuração da estrutura setorial de pessoas ocupadas nas atividades industriais no Estado do Paraná, de 1996 a 2003, conforme podemos observar na Tabela 9, as cinco principais atividades que tiveram maior participação no emprego industrial: fabricação de produtos alimentícios e bebidas (21,23% para 22,63%); confecção de artigos do vestuário e acessórios (6,30% para 10,01%); metal – exclusive máquinas e equipamentos (4,03% para 5,52%); fabricação de máquinas,

aparelhos e materiais elétricos (3,48% para 5,01%) e veículos automotores (3,48% para 5,01%).

Por outro lado, destacam-se as cinco principais atividades que tiveram sua participação relativa reduzida no emprego total do Estado, as atividades foram: fabricação de produtos do fumo (0,83% para 0,11%); têxtil (3,29% para 3,16%); celulose e papel (4,89% para 4,09%); minerais não metálicos (5,23% para 4,86%); e máquinas e equipamentos (6,63% para 6,09%).

Em relação ao total da indústria nacional, os setores paranaenses que mais se sobressaíram foram: fabricação de alimentos e bebidas (8,70% para 10,52%); vestuário e acessórios (8,03% para 15,10%); metal – exclusive máquinas e equipamentos (6,19% para 10,41%); fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (4,04% para 7,55%); e reciclagem (5,12% para 14,52%). Entre os setores que reduziram a participação no total nacional podemos destacar: fabricação de produtos do fumo (12,22% para 2,91%); couro (2,26% para 1,96%); e equipamentos de transporte (3,73% para 2,14%).

Analisando a participação do pessoal ocupado segundo a intensidade tecnológica, conforme Gráfico 2, verifica-se que o Grupo Tradicional é o que detém a maior parcela de trabalhadores no setor industrial no período de análise.

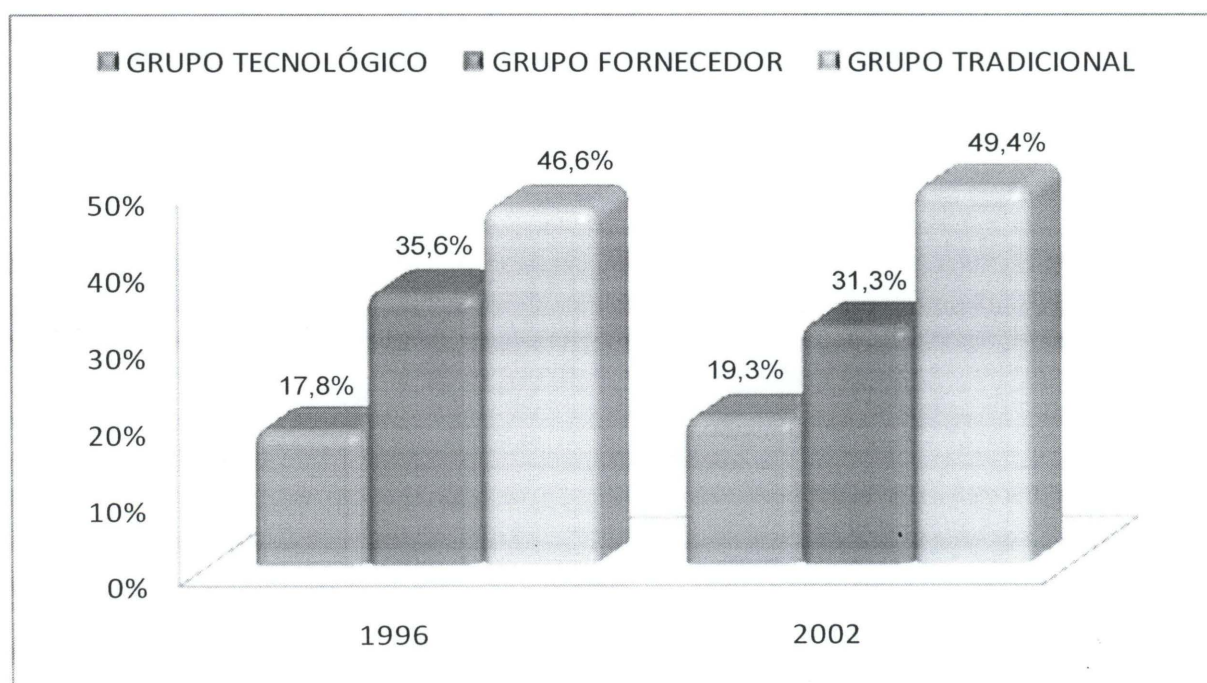


GRÁFICO 2 – PESSOAL OCUPADO SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 1996 – 2002

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 1996 e 2002.

TABELA 10 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, NO PERÍODO 1996 – 2002

Setor Atividade	BRASIL		PARANÁ		1996	2002
	1996	2002	2002	1996	1996	2002
	VTI/PO BR (R\$ mil)	VTI/PO PR (R\$ mil)	VTI/PO PR (R\$ mil)	VTI/PO PR/BR (%)	VTI/PO PR/BR (%)	VTI/PO PR/BR (%)
Alimentos e bebidas	35,91	61,25	37,51	60,41	1,04	0,99
Fumo	84,07	181,20	121,43	312,86	1,44	1,73
Têxtil	19,74	32,39	15,07	34,84	0,76	1,08
Vestuário e acessórios	12,17	14,68	6,07	6,95	0,50	0,47
Couro	13,78	21,36	12,74	21,40	0,92	1,00
Madeira	12,75	28,30	12,33	27,96	0,97	0,98
Celulose e papel	44,99	118,67	30,86	116,41	0,69	0,99
Edição, impressão e gravações	51,39	76,39	32,85	34,48	0,64	0,45
Petroquímica	70,65	471,12	24,91	517,84	0,35	1,10
Produtos químicos	75,43	137,81	59,14	95,61	0,78	0,69
Borracha e plástico	29,79	46,99	20,44	30,76	0,68	0,65
Minerais não-metálicos	27,71	62,51	19,67	45,51	0,71	0,73
Metalurgia básica	53,29	150,41	35,99	65,48	0,68	0,44
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	25,93	43,77	19,47	22,78	0,75	0,52
Máquinas e equipamentos	37,05	62,66	33,31	55,76	0,90	0,89
Máquinas para escritório e equip. de informática	71,08	170,33	45,71	42,90	0,64	0,25
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	33,65	54,16	35,64	42,80	1,06	0,79
Eletroeletrônica e telecomunicações	68,85	137,05	120,07	260,11	1,74	1,90
Equip. médico-hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios	30,54	56,30	50,25	77,47	1,65	1,38
Veículos automotores, reboques e carrocerias	46,82	88,67	26,09	128,08	0,56	1,44
Equipamentos de transporte	38,23	142,44	15,49	19,33	0,41	0,14
Móveis e indústrias diversas	18,66	29,32	9,94	20,09	0,53	0,69
Reciclagem	24,59	36,50	18,21	19,57	0,74	0,54
TOTAL	927	2.224	803	2.059		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 1996 e 2002.

Conforme Tabela 10, temos a razão entre o valor da transformação industrial (VTI) e pessoal ocupado (PO), definida como produtividade do trabalho, que indica o quanto cada posto de trabalho está gerando em termos de valor de transformação.

No período de análise, a produtividade evoluiu positivamente em praticamente todos os setores, destacando-se os segmentos em que a variação foi mais significativa: fabricação de produtos do fumo (121,43 para 312,86); celulose e e papel (30,8 para 116,41); petroquímica (24,91 para 517,84); eletroeletrônica e

telecomunicações (120,07 para 260,11); e fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (26,09 para 128,09).

Confrontando-se com os dados a nível nacional, os segmentos do Estado que aumentaram sua produtividade no período foram: fumo (1,44% para 1,73%); têxtil (0,76% para 1,08%); petroquímica (0,35% para 1,10%); eletroeletrônica e telecomunicações (1,74% para 1,90%); e fabricação de veículos automotores (0,56% para 1,44%). Já as atividades que mais reduziram sua produtividade foram: metalurgia básica (0,68% para 0,44%); máquinas para escritório e equipamentos de informática (0,64% para 0,25%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (1,06% para 0,79%); equipamentos médico-hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios (1,65% para 1,38%); e equipamentos de transporte (0,41% para 0,14%).

De acordo com o Gráfico 3, todos os grupos se tornaram mais produtivos no período de análise, porém o grupo fornecedor foi o que mais se destacou, passando de 176,08 em 1996 para 830,41 em 2002.

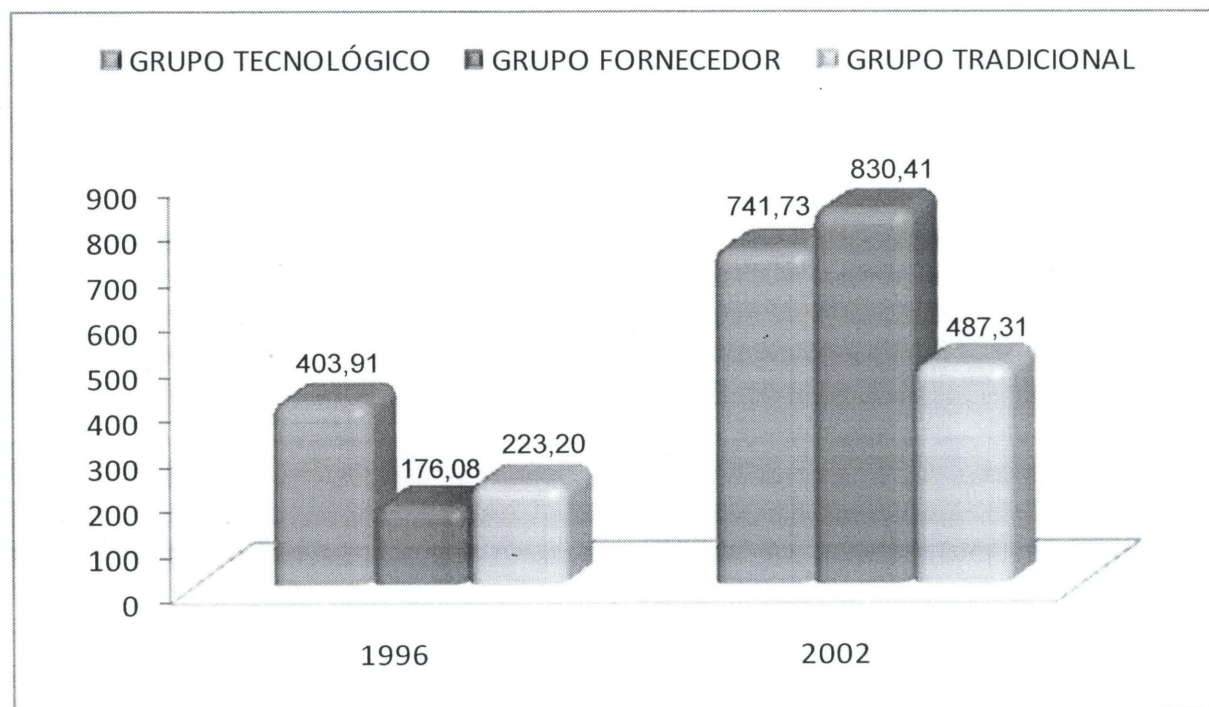


GRÁFICO 3 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 1996 – 2002

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 1996 e 2002.

6. A DINÂMICA RECENTE DA INDÚSTRIA PARANAENSE

Neste capítulo serão abordadas as transformações na indústria de transformação do Estado no período de abertura econômica, em dois períodos de análise distintos: 2003 – 2006 e 2007 – 2010, vale destacar que esse recorte foi feito devido às mudanças no CNAE.

6.1 A INDÚSTRIA PARANAENSE NOS ANOS 2000

O mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu continuidade a política implementada no governo anterior, tendo como característica principal a perseguição da conquista da confiança dos agentes econômicos, além da busca de saldos fiscais positivos na contabilidade pública primária, a livre flutuação do real e o cumprimento das metas de inflação.

A economia foi marcada por um processo de crescimento econômico, com uma taxa média de expansão do PIB na ordem de 4,2% a.a, excetuando-se o ano de 2009, cuja variação foi negativa de 0,6% em decorrência dos impactos negativos da crise financeira global.

Segundo IPARDES (2002), a partir de 2000 a produção industrial paranaense passou a apresentar uma configuração bastante diferenciada das características de meados da década de 1980 e até mesmo início dos anos 1990. Ocorreram transformações no sentido da retração na participação das atividades de beneficiamento e aumento das atividades de transformação e fornecimento de bens de conteúdo tecnológico.

Em termos de desempenho econômico, o Paraná, no período 2000 – 2009 registrou uma taxa média de crescimento de 3,3%, similar à do Brasil. No caso paranaense, constatam-se dois momentos distintos, o primeiro que vai até 2004, com a economia crescendo a uma taxa média de 4,1%, contra 3,0% para a economia brasileira; e após 2005, a taxa do Estado é reduzida para 2,5%, enquanto a nacional atingiu 3,6%. O último período foi influenciado por dois aspectos

importantes: a sucessão de fatores climáticos negativos e o impacto da crise internacional de 2008, mais acentuado no Estado². No entanto, mesmo com a redução no ritmo de crescimento, o Paraná se manteve na quinta posição na economia nacional, participando com 5,9% do PIB nacional em 2008.

A indústria paranaense, até 2007, cresceu a uma taxa média anual de 2,7%. A indústria de transformação apresentou incremento de 3,8% a.a, superando a nacional, que avançou 1,8% no período.

6.2 EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS INDUSTRIAIS NO PERÍODO 2003 – 2006

Conforme Tabela 11, no período de 2003 – 2006, das vinte e três categorias das atividades consideradas no Estado, destacamos as cinco atividades que mais aumentaram sua participação relativa no total industrial do Estado, são elas: fabricação de produtos alimentícios e bebidas (21,50% para 21,55%); vestuário e acessórios (1,08% para 1,59%); petroquímica (14,74% para 20,59%); eletroeletrônica e telecomunicações (1,41% para 2,48%); e fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (10,85% para 11,80%).

As cinco atividades que tiveram variação negativa em sua participação relativa, conforme Tabela 11, foram: fabricação de produtos de madeira (6,29% para 5,29%); celulose e papel (7,99% para 6,20%); fabricação de produtos químicos (8,46% para 5,24%); fabricação de produtos de borracha e artefatos de plásticos (3,75% para 2,35%); e máquinas e equipamentos (7,13% para 6,16%).

Em relação ao total nacional, os setores de maior dinamismo foram: vestuário e acessórios (7,16% para 9,32%); fabricação de produtos de madeira (31,62% para 33,67%); petroquímica (9,11% para 10,94%); máquinas para escritório e equipamentos de informática (2,84% para 9,40%); e reciclagem (7,73% para 12,05%).

² Nota Técnica Iparides, Curitiba, n.20, p. 3, dez. 2010.

TABELA 11 – ESTRUTURA SETORIAL DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL E NO PARANÁ, NO PERÍODO 2003 - 2006

Setor Atividade	BRASIL				PARANÁ				2003 VTI PR/BR (%)	2006 VTI PR/BR (%)
	2003		2006		2003		2006			
	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART		
Alimentos e bebidas	63.651.431	17,74	84.543.293	17,68	5.916.441	21,50	7.779.853	21,55	9,30	9,20
Fumo	2.847.840	0,79	3.849.013	0,80	143.006	0,52	119.261	0,33	5,02	3,10
Textil	8.235.376	2,29	9.844.810	2,06	276.472	1,00	511.751	1,42	3,36	5,20
Vestuário e acessórios	4.152.829	1,16	6.144.071	1,28	297.516	1,08	572.502	1,59	7,16	9,32
Couro	8.172.003	2,28	8.286.268	1,73	137.849	0,50	188.565	0,52	1,69	2,28
Madeira	5.475.896	1,53	5.721.729	1,20	1.731.554	6,29	1.909.251	5,29	31,62	33,37
Celulose e papel	17.200.084	4,79	18.775.015	3,93	2.199.082	7,99	2.239.293	6,20	12,79	11,93
Edição, impressão e gravações	10.179.500	2,84	13.593.542	2,84	495.715	1,80	673.387	1,87	4,87	4,95
Petroquímica	44.558.164	12,42	67.958.352	14,21	4.057.459	14,74	7.435.579	20,59	9,11	10,94
Produtos químicos	44.242.796	12,28	52.539.089	10,98	2.327.710	8,46	1.892.970	5,24	5,26	3,60
Borracha e plástico	14.470.371	4,03	17.028.877	3,56	1.032.682	3,75	849.860	2,35	7,14	4,99
Minerais não metálicos	13.455.203	3,75	15.838.576	3,31	950.082	3,45	1.155.602	3,20	7,06	7,30
Metalurgia básica	28.759.664	8,01	41.556.774	8,69	300.455	1,09	287.744	0,80	1,04	0,69
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	10.395.780	2,90	15.707.528	3,28	840.488	3,05	1.062.430	2,94	8,08	6,76
Máquinas e equipamentos	20.574.981	5,78	27.256.316	5,70	1.963.478	7,13	2.222.332	6,16	9,54	8,15
Máquinas para escritório e equip. de informática	2.290.313	0,64	2.951.557	0,62	64.961	0,24	277.503	0,77	2,84	9,40
Máq. aparelhos e materiais elétricos	7.368.366	2,05	11.378.704	2,38	452.341	1,64	530.110	1,47	6,14	4,66
Eletroeletrônica e telecomunicações	7.234.291	2,02	11.004.627	2,30	389.189	1,41	898.219	2,48	5,38	8,16
Equip. médico-hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios	2.661.678	0,74	3.848.410	0,80	139.825	0,52	246.166	0,68	5,25	6,40
Veículos automotores, reboques e carrocerias	30.136.593	8,40	43.406.953	9,08	2.985.118	10,85	4.258.741	11,80	9,91	9,81
Equipamentos de transporte	6.941.163	1,93	9.875.240	2,06	22.620	0,08	32.183	0,09	0,33	0,33
Móveis e indústrias diversas	5.674.198	1,58	6.917.882	1,45	784.316	2,85	928.595	2,57	13,82	13,42
Reciclagem	197.075	0,05	274.674	0,06	15.242	0,06	33.085	0,09	7,73	12,05
TOTAL	358.875.595	100	478.301.300	100	27.523.601	100	36.104.982	100		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2003 e 2006.

No Gráfico 4, abaixo, temos a participação dos setores industriais segundo a intensidade tecnológica, verifica-se que os Grupos Tecnológico e Fornecedor estão ganhando participação na estrutura industrial passando de 28,7% e 39,1% em 2003 para 30,3% e 40,9% respectivamente, enquanto o Grupo Tradicional diminuiu sua

participação de 32,2% em 1996 para 28,8% em 2003, diminuição de 3,4 pontos percentuais.

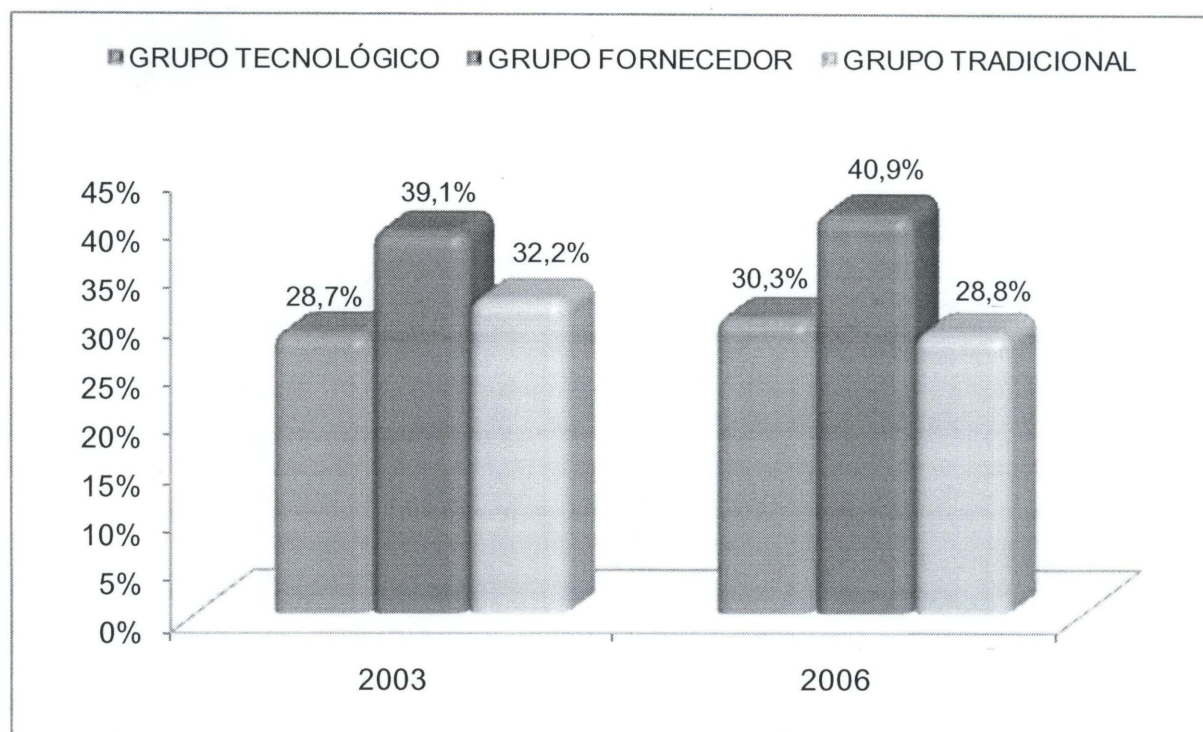


GRÁFICO 4 – VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 2003 - 2006

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2003 e 2006.

No que tange ao número de pessoas ocupadas nas atividades industriais no Paraná, conforme podemos verificar na Tabela 12, as atividades que tiveram maior participação no emprego industrial foram: fabricação de produtos alimentícios e bebidas (22,88% para 25,91%); confecção de artigos do vestuário e acessórios (9,52% para 11,20%); edição, impressão e gravação (2,71% para 2,96%); máquinas para escritório e equipamentos de informática (0,26% para 0,74%); e veículos automotores (5,20% para 5,98%).

Em contrapartida, destacam-se os gêneros que tiveram sua participação relativa reduzida no emprego total do Estado, dentre eles: fabricação de produtos têxteis (2,76% para 2,43%); fabricação de produtos de madeira (11,38% para 8,53%); borracha e plástico (4,61% para 3,98%); máquinas e equipamentos (6,65% para 6,02%); e indústria moveleira (8,23% para 6,39%).

TABELA 12 – PESSOAL OCUPADO NO BRASIL E NO PARANÁ, NO PERÍODO 2003 - 2006

Setor Atividade	BRASIL				PARANÁ				2003 PO PR/BR (%)	2006 PO PR/BR (%)
	2003		2006		2003		2006			
	PO	(%) PART	PO	(%) PART	PO	(%) PART	PO	(%) PART		
Alimentos e bebidas	937.841	20,55	1.150.486	22,25	101.290	22,88	131.469	25,91	10,80	11,43
Fumo	12.485	0,27	19.064	0,37	305	0,07	629	0,12	2,37	3,30
Têxtil	243.670	5,34	256.105	4,95	12.237	2,76	12.342	2,43	5,02	4,82
Vestuário e acessórios	262.929	5,76	315.839	6,11	42.148	9,52	56.805	11,20	16,03	17,99
Couro	367.039	8,04	339.849	6,57	6.482	1,46	7.602	1,50	1,77	2,24
Madeira	165.827	3,63	150.258	2,91	50.373	11,38	43.267	8,53	30,38	28,80
Celulose e papel	129.280	2,83	141.276	2,73	16.751	3,78	19.536	3,85	12,96	13,83
Edição, impressão e gravações	121.349	2,67	126.772	2,45	12.007	2,71	15.000	2,96	9,89	11,83
Petroquímica	80.997	1,78	105.384	2,04	5.782	1,31	8.633	1,70	7,14	8,19
Produtos químicos	286.727	6,28	301.600	5,83	15.767	3,56	18.784	3,70	5,50	6,23
Borracha e plástico	258.399	5,66	265.313	5,13	20.387	4,61	20.191	3,98	7,89	7,61
Minerais não metálicos	191.305	4,19	227.451	4,40	21.607	4,88	21.121	4,16	11,29	9,29
Metalurgia básica	163.307	3,58	186.641	3,61	3.817	0,86	4.156	0,82	2,34	2,23
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	215.393	4,72	263.140	5,09	26.953	6,09	29.576	5,83	12,51	11,24
Máquinas e equipamentos	311.525	6,83	352.903	6,82	29.442	6,65	30.445	6,02	9,45	8,63
Máquinas para escritório e equip. de informática	17.071	0,38	32.734	0,63	1.155	0,26	3.743	0,74	6,77	11,43
Máq. aparelhos e materiais elétricos	129.988	2,85	158.562	3,07	8.860	2,02	11.486	2,26	6,82	7,24
Eletroeletrônica e telecomunicações	58.193	1,28	76.239	1,48	3.020	0,68	3.270	0,64	5,19	4,29
Equip. médico-hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios	47.423	1,05	54.360	1,05	2.302	0,52	3.150	0,62	4,85	5,79
Veículos automotores, reboques e carrocerias	313.316	6,87	350.791	6,78	23.004	5,20	30.340	5,98	7,34	8,65
Equipamentos de transporte	61.358	1,34	90.909	1,76	1.161	0,26	1.785	0,35	1,89	1,96
Móveis e indústrias diversas	181.362	3,97	196.404	3,80	36.431	8,23	32.425	6,39	20,09	16,51
Reciclagem	6.030	0,13	8.780	0,17	1.371	0,31	1.592	0,31	22,74	18,13
TOTAL	4.562.814	100	5.170.860	100	442.652	100	507.347	100		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2003 e 2006.

No total da indústria nacional, os setores paranaenses que mais se destacaram foram: fabricação de alimentos e bebidas (10,80% para 11,43%); vestuário e acessórios (16,03% para 17,99%); edição, impressão e gravação (9,89% para 11,83%); máquinas para escritório e equipamentos para informática (6,77%

para 11,43%); e fabricação de veículos automotores (7,34% para 8,65%). A redução ocorreu de forma mais significativa, nos seguintes setores: fabricação de produtos de madeira (30,38% para 28,80%); minerais não metálicos (11,29% para 9,29%); máquinas e equipamentos (9,45% para 8,63%); indústria moveleira (20,09% para 16,51%); e reciclagem (22,74% para 18,13%).

No Gráfico 5, segundo a intensidade tecnológica, observa-se o aumento dos Grupos Tecnológico e Tradicional, com aumentos de 1,1 e 2,0 pontos percentuais de 2003 a 2006, em contrapartida o Grupo Fornecedor reduziu sua participação no período em 3,2 pontos percentuais.

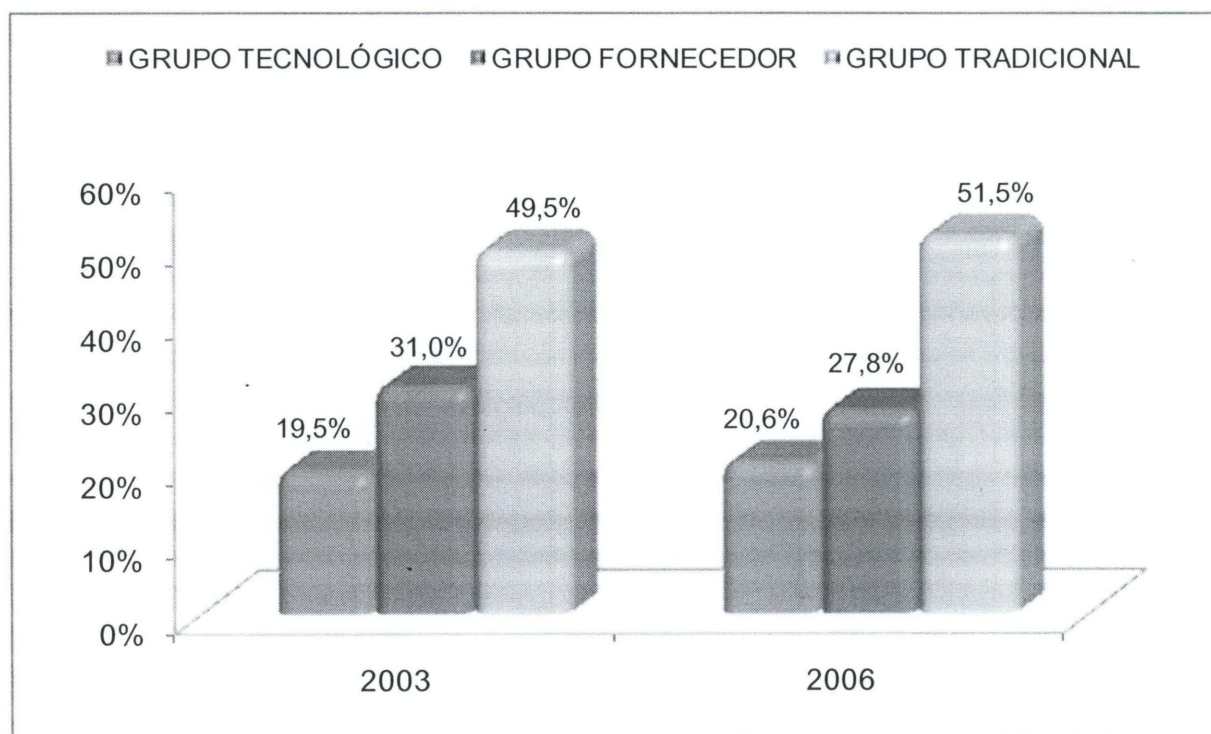


GRÁFICO 5 – PESSOAL OCUPADO SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 2003 - 2006

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2003 e 2006.

Conforme Tabela 13, entre 2003 – 2006, a variação da produtividade do trabalho foi mais significativa em cinco segmentos, são eles: petroquímica (701,74 para 861,30); fabricação de produtos químicos (59,14 para 100,78); eletroeletrônica e telecomunicações (120,07 para 274,68); fabricação de equipamentos médico-hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios (50,25 para 140,37); e fabricação de veículos automotivos (26,09 para 78,15). Vale destacar, que o segmento de

fabricação de produtos de fumo foi o único onde houve redução de produtividade, passando de 468,87 em 2003, para 189,60.

TABELA 13 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NO BRASIL E NO PARANÁ, NO PERÍODO 2003 - 2006

Setor Atividade	BRASIL		PARANÁ		VTI/PO PR/BR (%)	VTI/PO PR/BR (%)
	VTI/PO BR R\$ mil		VTI/PO PR R\$ mil			
	2003	2006	2003	2006	2003	2006
Alimentos e bebidas	67,87	73,48	58,41	59,18	0,86	0,81
Fumo	228,10	201,90	468,87	189,60	2,06	0,94
Textil	33,80	38,44	22,59	41,46	0,67	1,08
Vestuário e acessórios	15,79	19,45	7,06	10,08	0,45	0,52
Couro	22,26	24,38	21,27	24,80	0,96	1,02
Madeira	33,02	38,08	34,37	44,13	1,04	1,16
Celulose, papel	133,05	132,90	131,28	114,62	0,99	0,86
Edição, impressão e gravações	83,89	107,23	41,29	44,89	0,49	0,42
Petroquímica	550,12	644,86	701,74	861,30	1,28	1,34
Produtos químicos	154,30	174,20	59,14	100,78	0,38	0,58
Borracha e plástico	56,00	64,18	20,44	42,09	0,37	0,66
Minerais não-metálicos	70,33	69,64	19,67	54,71	0,28	0,79
Metalurgia básica	176,11	222,66	35,99	69,24	0,21	0,31
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	48,26	59,69	19,47	35,92	0,40	0,60
Máquinas e equipamentos	66,05	77,23	33,31	72,99	0,51	0,95
Máquinas para escritório e equip. de informática	134,16	90,17	45,71	74,14	0,34	0,82
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	56,68	71,76	35,64	46,15	0,63	0,64
Eletroeletrônica e telecomunicações	124,32	144,34	120,07	274,68	0,97	1,90
Equip. médico- hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios	56,13	70,79	50,25	140,37	0,90	1,98
Veículos automotores, reboques e carrocerias	96,19	123,74	26,09	78,15	0,27	0,63
Equipamentos de transporte	113,13	108,63	15,49	18,03	0,14	0,17
Móveis e indústrias diversas	31,29	35,22	9,94	28,64	0,32	0,81
Reciclagem	32,68	31,28	18,21	20,78	0,56	0,66
TOTAL	2.384	2.624	1.996	2.446		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2003 e 2006.

Em relação à indústria nacional, os segmentos do Estado se tornaram mais produtivos foram: fabricação de produtos têxteis (0,67% para 1,08%); minerais não metálicos (0,28% para 0,79%); fabricação de máquinas para escritório e equipamentos para informática (0,34% para 0,82%); eletroeletrônica e telecomunicações (0,97% para 1,90%); e fabricação de equipamentos médico-

hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios (0,90% para 1,98%). As atividades de fabricação de produtos do fumo (2,06% para 0,94%); e edição, impressão e gravação (0,49% para 0,42%) reduziram sua participação.

Conforme Gráfico 6, observa-se que os Grupos Tecnológico e Fornecedor no período de 2003 – 2006, se tornaram mais produtivos em detrimento do Grupo Tradicional.

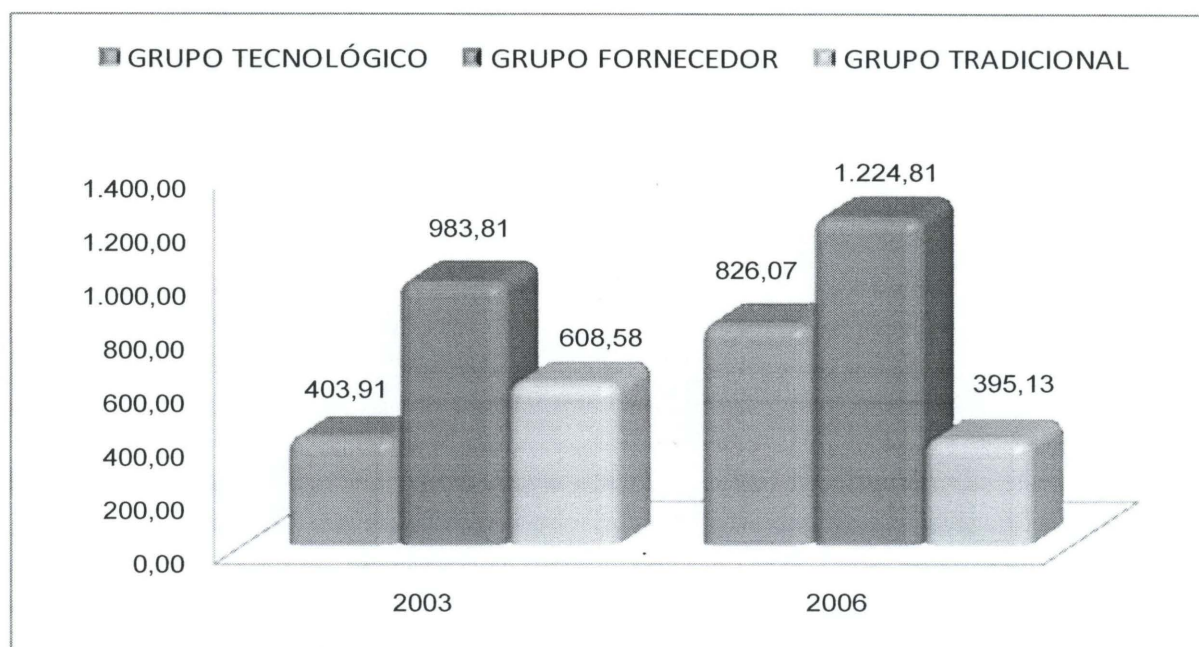


GRÁFICO 6 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO SEGUNDO INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 2003 - 2006

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2003 e 2006.

6.3 EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS INDUSTRIAIS NO PERÍODO 2007 – 2010

É importante lembrar que os dados analisados no período de 2007 a 2010 passam a considerar a versão CNAE 2.0.

Conforme Tabela 14, na configuração da estrutura industrial do Estado, se evidencia a predominância das seguintes atividades: produtos alimentícios e bebidas (20,84% para 21,90%); minerais não metálicos (2,94% para 3,32%); metalurgia básica (1,56% para 2,54%); equipamentos de informática, produtos eletrônicos e

ópticos (3,40% para 5,72%), refletindo o aumento pela demanda de computadores pessoais, e por último a indústria automotiva (13,15% para 16,04%).

TABELA 14 – VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL E PARTICIPAÇÃO NO BRASIL E NO PARANÁ, NO PERÍODO 2007 - 2010

Setor Atividade	BRASIL				PARANÁ				VTI PR/BR (%)	VTI PR/BR (%)
	2007		2010		2007		2010			
	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART	VTI R\$ 1.000	(%) PART		
Alimentos e bebidas	88.178.408	17,38	135.744.651	20,09	8.544.207	20,84	11.950.672	21,90	9,69	8,80
Fumo	4.250.815	0,83	4.964.040	0,73	136.532	0,33	400.883	0,73	3,21	8,08
Têxtil	9.948.390	1,94	12.929.800	1,91	482.222	1,18	665.739	1,22	4,85	5,15
Vestuário e acessórios	7.324.061	1,43	12.284.396	1,82	763.487	1,86	1.142.718	2,09	10,42	9,30
Couro	8.450.814	1,65	11.542.928	1,71	198.629	0,48	348.081	0,64	2,35	3,02
Madeira	5.692.169	1,24	5.760.386	0,85	1.711.798	4,18	1.687.161	3,09	30,07	29,29
Celulose e papel	20.681.027	4,03	23.266.306	3,44	2.204.756	5,38	2.573.857	4,72	10,66	11,06
Edição, impressão e gravações	4.227.758	0,82	5.587.480	0,83	222.583	0,54	366.121	0,67	5,26	6,55
Petroquímica	70.350.505	13,41	84.200.480	12,46	8.643.691	21,08	9.065.194	16,51	12,29	10,77
Produtos químicos	43.659.163	8,52	51.151.876	7,57	2.426.621	5,92	2.517.700	4,61	5,56	4,92
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	15.450.524	3,01	18.684.831	2,77	257.461	0,63	382.923	0,70	1,67	2,05
Borracha e plástico	18.489.424	3,61	25.217.121	3,73	895.373	2,18	1.268.092	2,32	4,84	5,03
Minerais não metálicos	16.842.834	3,29	25.778.835	3,82	1.204.019	2,94	1.812.238	3,32	7,15	7,03
Metalurgia básica	46.472.700	9,06	43.507.529	6,44	638.546	1,56	1.388.566	2,54	1,37	3,19
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	18.270.359	3,56	25.283.469	3,74	1.237.160	3,15	1.705.884	3,13	6,77	6,75
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	15.650.075	3,05	18.827.862	2,79	1.394.247	3,40	1.315.976	5,72	8,91	6,99
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	14.105.864	2,75	20.117.040	2,98	1.012.452	2,47	1.526.769	2,41	7,18	7,59
Máquinas e equipamentos	25.674.405	5,01	35.349.239	5,23	1.964.421	4,65	3.122.606	2,92	7,65	8,83
Veículos automotores, reboques e carrocerias	54.437.031	10,62	81.982.302	12,14	5.390.365	13,15	8.751.674	16,04	9,90	10,68
Equipamentos de transporte	10.335.647	2,02	12.118.806	1,79	23.151	0,06	30.279	0,06	0,22	0,25
Móveis e indústrias diversas	9.643.390	1,88	14.027.808	2,08	1.350.065	3,29	2.014.275	3,69	14,00	14,36
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	4.559.476	0,89	7.221.862	1,07	297.292	0,73	530.993	0,97	6,52	7,35
TOTAL	512.685.839	100	675.549.047	100	40.999.079	100	54.568.401	100		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2007 e 2010.

Apresentaram retração da representatividade as seguintes atividades: vestuário e acessórios (1,86% para 2,09%); produtos de madeira (4,18% para 3,09%); celulose e papel (5,38% para 4,72%); petroquímica (21,08% para 16,51%); e máquinas e equipamentos (4,65% para 2,80%).

Comparando-se com os dados a nível nacional, os setores paranaenses que se destacaram mais foram: fabricação de produtos do fumo (3,21% para 8,08%); celulose e papel (10,66% para 11,06%); máquinas e equipamentos (7,65% para 8,83%); veículos automotores (9,90% para 10,68%); e manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (6,52% para 7,35%).

Segundo a intensidade tecnológica, o Grupo Fornecedor diminuiu 4,7 pontos percentuais no período de 2007 a 2010, os Grupos Tecnológico e Tradicional aumentaram sua participação com 2,3 e 2,4 pontos percentuais respectivamente.

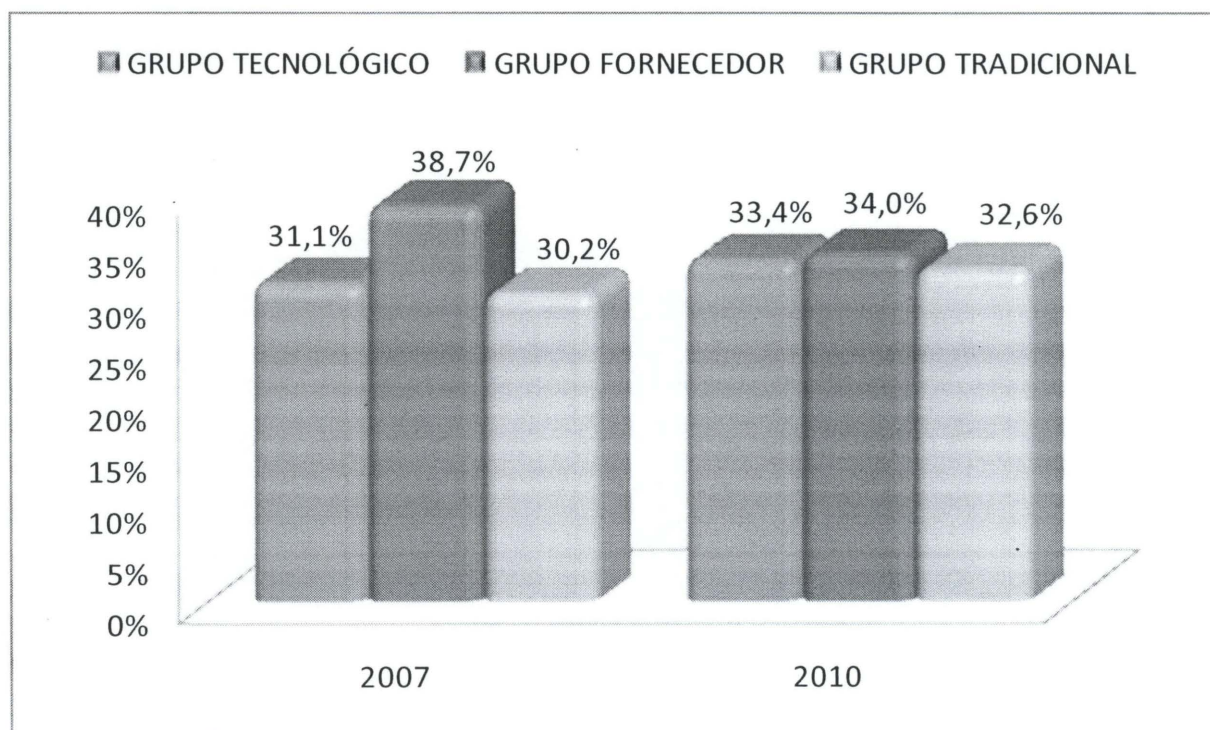


GRÁFICO 7 – VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL SEGUNDO INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 2007 - 2010

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2007 e 2010.

TABELA 15 – PESSOAL OCUPADO NO BRASIL E NO PARANÁ NO PERÍODO 2007 - 2010

Setor/Atividade	BRASIL				PARANÁ				PO PR/BR (%)	PO PR/BR (%)
	2007		2010		2007		2010			
	PO	(%) PART	PO	(%) PART	PO	(%) PART	PO	(%) PART		
Alimentos e bebidas	1.194.879	22,08	1.391.936	22,98	144.203	26,05	161.186	25,51	12,07	11,58
Fumo	17.378	0,32	16.962	0,28	700	0,13	858	0,14	4,03	5,06
Textil	256.408	4,74	255.293	4,21	13.449	2,43	16.494	2,61	5,25	6,46
Vestuário e acessórios	334.833	6,19	402.687	6,49	57.242	10,34	69.197	10,95	17,10	17,18
Couro	339.558	6,27	348.055	5,75	8.164	1,47	9.728	1,54	2,40	2,79
Madeira	142.052	2,62	117.378	1,94	46.281	8,36	39.897	6,14	32,58	33,99
Celulose e papel	154.282	2,85	156.236	2,58	22.587	4,08	20.823	3,30	14,64	13,33
Edição, impressão e gravações	50.990	0,94	59.315	0,98	6.879	1,24	8.094	1,28	13,49	13,65
Petroquímica	168.012	3,10	166.773	2,75	13.707	2,48	17.322	2,74	8,16	10,39
Produtos químicos	215.507	3,98	239.031	3,95	16.325	2,95	18.728	2,96	7,58	7,83
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	85.189	1,57	93.866	1,55	4.028	0,73	4.373	0,69	4,73	4,66
Borracha e plástico	286.990	5,30	329.426	5,44	22.100	3,99	23.697	3,75	7,70	7,19
Minerais não-metálicos	231.092	4,27	282.267	4,66	23.984	4,33	27.940	4,42	10,38	9,90
Metalurgia básica	203.733	3,76	214.197	3,54	6.215	1,12	7.882	1,25	3,05	3,68
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	294.767	5,45	331.196	5,47	32.452	5,74	37.289	5,90	11,01	11,26
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	143.114	2,64	150.289	5,37	10.515	1,90	13.045	4,89	7,35	8,68
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	178.371	3,30	206.275	2,48	15.891	2,87	22.908	2,06	8,91	11,11
Máquinas e equipamentos	290.427	5,37	325.511	3,40	23.791	4,30	30.592	3,76	8,19	9,40
Veículos automotores, reboques e carrocerias	425.223	7,74	494.773	8,17	36.704	6,63	43.986	6,96	8,63	8,89
Equipamentos de transporte	80.050	1,48	94.409	1,56	1.173	0,34	1.423	0,23	1,47	1,51
Móveis e indústrias diversas	229.972	4,25	264.526	4,37	39.231	7,09	47.606	7,53	17,06	18,00
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	89.126	1,65	117.844	1,95	7.911	1,43	8.767	1,39	8,88	7,44
TOTAL	5.411.953	100	6.058.245	100	553.532	100	631.835	100		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2007 e 2010.

No que se refere ao pessoal ocupado na indústria de transformação do Estado, observa-se um aumento significativo na participação dos seguintes segmentos: vestuário e acessórios (10,34% para 10,95%); petroquímica (2,48% para 2,74%); equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (1,90% para

4,89%); veículos automotores (6,63% para 6,96%); e fabricação de móveis (7,09% para 7,53%). Os setores onde houve a redução de pessoal ocupado foram: fabricação de produtos de madeira (8,36% para 6,31%); celulose e papel (4,08% para 3,30%); máquinas e equipamentos (4,30% para 3,63%); e manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (1,43% para 1,39%).

Comparando-se com os dados com a indústria nacional, os setores paranaenses que se destacaram mais foram: fabricação de produtos do fumo (4,03% para 5,06%); produtos de madeira (32,58% para 33,99%); equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (7,35% para 8,68%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (8,91% para 11,11%); e fabricação de móveis e indústrias diversas (17,06% para 18,00%). Em contrapartida, setores como: de alimentos e bebidas (12,07% para 11,58%); celulose e papel (14,64% para 13,33%); minerais não metálicos (10,38% para 9,90%); e manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (8,88% para 7,44%), empregaram menos pessoas neste período.

Conforme Gráfico 8, no período de 2007 a 2010, todos os grupos empregaram mais pessoas.

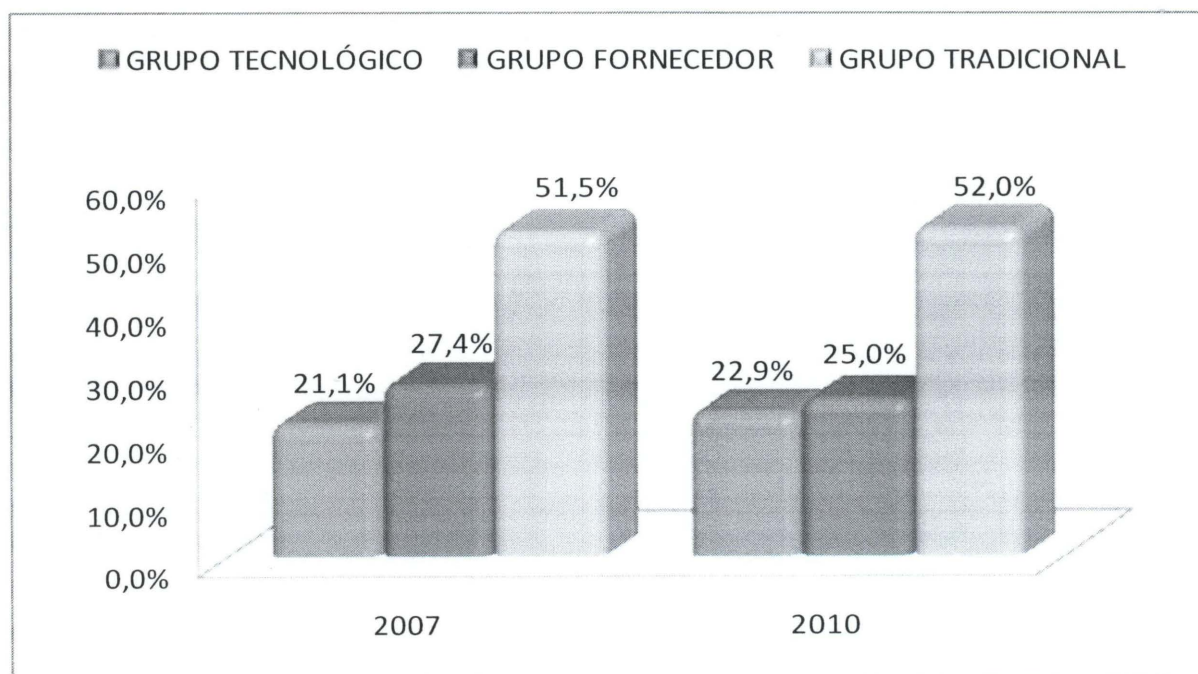


GRÁFICO 8 – PESSOAL OCUPADO SEGUNDO INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 2007 - 2010

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2007 e 2010.

TABELA 16 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NO BRASIL E NO PARANÁ, NO PERÍODO 2007 – 2010

Setor Atividade	BRASIL		PARANÁ		VTI/PO PR/BR	VTI/PO PR/BR
	VTI/PO BR		VTI/PO PR			
	2007	2010	2007	2010		
Alimentos e bebidas	73,80	97,52	59,25	74,14	0,80	0,76
Fumo	244,61	292,66	195,05	467,23	0,79	1,60
Têxtil	38,80	50,65	35,86	40,36	0,92	0,80
Vestuário e acessórios	21,87	30,51	13,34	16,51	0,61	0,54
Couro	24,89	33,16	24,33	35,78	0,98	1,08
Madeira	40,07	49,08	36,99	42,29	0,92	0,86
Celulose e papel	134,05	148,92	97,61	123,61	0,73	0,83
Edição, impressão e gravações	82,91	94,20	32,36	45,23	0,39	0,48
Petroquímica	418,72	504,88	630,60	523,33	1,50	1,04
Produtos químicos	202,59	214,00	148,64	134,44	0,73	0,63
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	181,37	199,05	63,92	87,57	0,35	0,44
Borracha e plástico	64,43	76,55	40,51	53,51	0,63	0,70
Minerais não-metálicos	72,88	91,33	50,20	64,86	0,69	0,71
Metalurgia básica	228,11	203,12	102,74	176,17	0,45	0,87
Metal - exclusive máquinas e equipamentos	61,98	76,34	38,12	45,75	0,61	0,60
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	109,35	125,28	132,60	100,88	1,21	0,81
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	79,08	97,53	63,71	66,65	0,81	0,68
Máquinas e equipamentos	88,40	108,60	82,57	102,07	0,93	0,94
Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	128,02	165,70	146,86	198,96	1,15	1,20
Equipamentos de transporte	129,11	128,36	19,74	21,28	0,15	0,17
Móveis e indústrias diversas	41,93	53,03	34,41	42,31	0,82	0,80
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	51,16	61,28	37,58	60,57	0,73	0,99
TOTAL	2.518	2.901	2.086	2.523		

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2007 e 2010.

Na Tabela 16, temos a produtividade do trabalho no período de 2007 a 2010. Podemos constatar que a produtividade evoluiu positivamente em praticamente todos os setores, com exceção do segmento de fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, que reduziu sua produtividade de 132,60 em 2007 para 100,88 em 2010.

A variação foi mais significativa nas atividades: de fabricação de produtos do fumo (195,05 para 467,23); celulose e papel (97,61 para 123,61); metalurgia básica (102,74 para 176,17); fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (146,86 para 198,96); e manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (37,58 para 60,57).

Os segmentos do Estado que se destacaram em relação ao total nacional foram: produtos do fumo (0,79% para 1,60%); celulose e papel (0,73% para 0,83%); metalurgia básica (0,45% para 0,87%); fabricação de veículos automotores (1,15% para 1,20%); e manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (0,73% para 0,99%). As atividades que mais reduziram sua produtividade foram: alimentos e bebidas (0,80% para 0,76%); petroquímica (1,50% para 1,04%); equipamentos médico-hospitalares, ópticos, cronômetros e relógios (1,21% para 0,81%); e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (0,81% para 0,68%).

Com relação a produtividade do trabalho todos os grupos se tornaram mais produtivos, no período analisado.

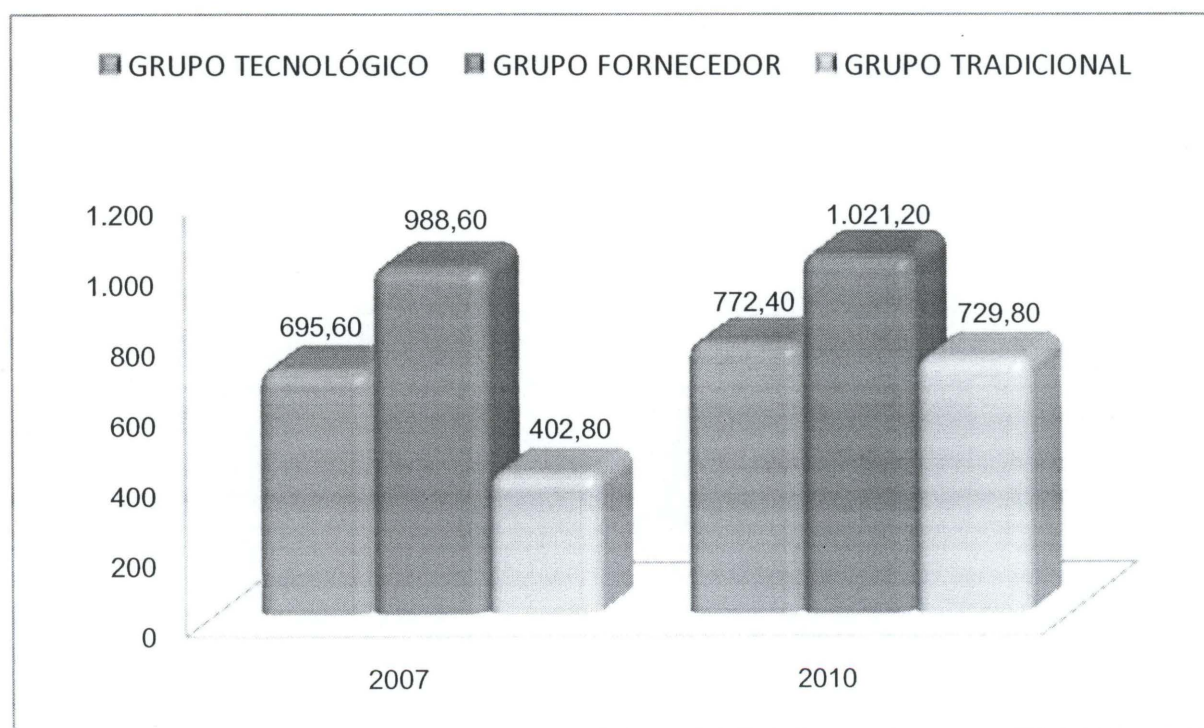


GRÁFICO 12 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO SEGUNDO INTENSIDADE TECNOLÓGICA, NO PERÍODO 2007 - 2010

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual – IBGE, 2007 e 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura industrial do Paraná vem passando por significativas transformações. Até a década de 1960, a economia paranaense era extremamente dependente das atividades de processamento de produtos agrícolas. No início dos anos 1970, passa a ocorrer um processo de desconcentração das atividades produtivas, principalmente a partir do grande centro econômico industrial paulista. Diante dessa situação o Paraná se destaca, passando a se beneficiar da integração com o mercado nacional, principalmente pela maior proximidade com São Paulo.

Diante dos objetivos a que se propôs este trabalho, verificou-se que a expansão na indústria e no emprego foi acompanhada por importantes mudanças na estrutura produtiva do Estado. Gêneros tradicionais perderam peso na medida em que outros se expandiram, tornando a estrutura industrial mais complexa e diversificada.

Nos períodos analisados, observou-se que em relação ao VTI, os segmentos de maior intensidade tecnológica aumentaram sua participação em detrimento aos segmentos classificados como sendo intensivos em recursos naturais. No que se refere ao pessoal ocupado na indústria de transformação, temos que a maior parcela dos trabalhadores está empregada nos segmentos de fabricação de produtos alimentícios e bebidas; vestuário e acessórios; e na indústria automobilística. Já em relação à produtividade do trabalho, observa-se aumento em praticamente todos os ramos industriais. Em relação ao total da indústria nacional, verificou-se aumento da participação destes mesmos setores.

Em relação ao VTI segundo a intensidade tecnológica, temos que os grupos tecnológico e fornecedor foram os que mais participaram no total industrial do Estado. Já em relação ao pessoal ocupado, o grupo tradicional é o que detém a maior parcela de trabalhadores empregados.

Conclui-se que a estrutura industrial do Estado passou por alterações relevantes e estas modificaram a base industrial quantitativamente e qualitativamente. A performance da indústria paranaense foi sustentada principalmente pelos ramos alimentício, de refino de petróleo e automobilístico. Há

um movimento tendencioso em direção às indústrias com maior intensidade tecnológica em detrimento das indústrias tradicionais.

Para um melhor conhecimento das causas que motivaram as mudanças estruturais nas atividades setoriais paranaenses é necessário que sejam realizados estudos adicionais para a análise das características regionais e das relações setoriais que motivaram essas variações.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, M. H. O. **Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: um estudo sobre a CODEPAR (Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná)**. São Paulo: Símbolo, 1978.

BRAGUETTO, C. Industrialização e urbanização em Curitiba pós anos 70. Londrina, 1999. Disponível em: <http://www.geo.uel.br/didatico/claudio/curitiba/capitulo1.pdf>. Acesso em 12/01/13.

CANO, W. Concentração e desconcentração econômica regional no Brasil: 1970/95. **Economia e Sociedade**. Campinas: IE/UNICAMP, n. 8, jun. 1997.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

CASTRO, D. Indústria. **Temas estratégicos para o Paraná**. Ipardes, p. 34-39, Curitiba, 1994.

CASTRO, D.; VASCONCELOS, J. Paraná: economia, finanças públicas e investimentos nos anos 90. Brasília: 1999. Texto para discussão, n. 624. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em 11/11/2012.

CARVALHO, P. G. M.; FEIJÓ, C. M.; RODRIGUEZ, M. S. Produção, emprego e produtividade das indústrias da Região Sul – 1994/1999. **Indicadores Econômicos**, FEE, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 221-244, fev. 2002.

FIRKOWSKI, O. L. C. F. A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba, Dissertação (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

IBGE. Censo Industrial – 1980. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pia/default.asp?o=23&i=P>>. Acesso em 05/10/2012.

IBGE. Pesquisa Industrial Anual – 1996. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2010/defaultempresa.shtm>>. Acesso em 10/10/2012.

IBGE. Pesquisa Industrial Anual – 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2010/defaultempresa.shtm>>. Acesso em 12/10/2012.

IBGE. Pesquisa Industrial Anual – 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2010/defaultempresa.shtm>>. Acesso em 03/11/2012.

IBGE. Pesquisa Industrial Anual – 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2010/defaultempresa.shtm>>. Acesso em 03/11/2012.

IBGE. Pesquisa Industrial Anual – 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2010/defaultempresa.shtm>>. Acesso em 10/11/2012.

IBGE. Pesquisa Industrial Anual – 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2010/defaultempresa.shtm>>. Acesso em 15/11/2012.

IPARDES. As características do crescimento industrial paranaense. Curitiba, 2010.

IPARDES. **Base industrial**: análises setoriais e seus componentes no Paraná. Curitiba, 1976.

IPARDES. **Competitividade da indústria paranaense**: uma análise setorial. Curitiba, 1994.

IPARDES. **Dinâmica recente da economia e transformações na configuração espacial da região metropolitana de Curitiba**. Curitiba, 2004.

IPARDES. **Dinâmica recente da indústria paranaense**: estrutura e emprego. Curitiba, 2007.

IPARDES. **Diagnóstico da base produtiva do Paraná nos anos 80**. Curitiba, 1991.

IPARDES. **Economia e sociedade**. Curitiba, 1982.

IPARDES. **Evolução dos principais gêneros da indústria paranaense na década de setenta**. Curitiba, 1988.

LEÃO, I. Z. C. C. **O Paraná nos anos setenta**. Ipardes: Curitiba, 1989.

LOURENÇO, G. M. **A economia paranaense nos anos 90**: um modelo de interpretação. Curitiba: Ipardes, 2000.

LOURENÇO, G. M. A Petrobras e a industrialização do Paraná. **Análise conjuntural**, v. 25, n. 5-6, p. 18, mai./jun. 2003.

LOURENÇO, G. M. **Economia paranaense**: panorama conjuntural e cenários prospectivos: 1997 – 2007. Curitiba: Ipardes, 1996.

LOURENÇO, G. M. **Cenários de recomposição do peso econômico do Paraná no Brasil**. Curitiba: Ipardes, 2011.

MACEDO, M. M.; VIEIRA, V. F.; MEINERS, W. E. M. A. Fases de Desenvolvimento Regional no Brasil e no Paraná: da emergência de um novo modelo de

desenvolvimento na economia paranaense (2002). In: **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 103, p. 5-22, jul/dez, 2002.

MAGALHÃES FILHO, F. B. B. Evolução histórica da economia paranaense. **Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba**, n. 87, p. 131-148, jan./abr. 1996.

MAGALHÃES FILHO, F. B. B. O novo perfil econômico do Paraná. **Indicadores econômicos**, FEF, Porto Alegre, v. 21, n.3. p. 31-52, nov. 1993.

MAGALHÃES FILHO, F. B. B. Perspectivas industriais do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 15, p. 7-24, nov./dez. 1969.

MEINERS, W. E. M. A. Implantação da indústria automobilística e novos contornos da região de Curitiba. 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 1999.

MORAES, G. I. A indústria do Paraná e as perspectivas para a manutenção do crescimento econômico. **Revista Economia e Tecnologia**, Curitiba, v. 1, p. 37-39, mai./ jun. 2005.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. Curitiba: Hucitec, 1981.

PADIS, P. C: O Paraná: uma visão de conjunto. **Revista de Administração de empresas**, vol. 11, n.1, p. 186-216, jan-mar, 1971.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Fazenda. **A economia e as finanças do Paraná**. Curitiba, 1990.

RODRIGUES, R. L.; PARRÉ, J. L.; MORETTO, A. C.; ALVES, A. L. Transformações na estrutura produtiva da economia paranaense nos anos 80 e 90. **Revista Economia Aplicada**, vol. 11, n.1, Ribeirão Preto, jan./mar. 2007.

ROLIM, C. F. C. O Paraná e o Paraná agrobusiness: as dificuldades para a formulação de um projeto político. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 86, p. 45-49, set./ dez. 1995,

TRINTIN, J. G. **A nova economia paranaense: 1970-2000**. Maringá: Eduem, 2006.

VERRI, E. J.; GUALDA, N. L. P. Desenvolvimento industrial e concentração espacial: uma breve discussão sobre a situação do Estado do Paraná. In: V ENCONTRO NACIONAL de Economia Política. Anais...Fortaleza: SEP, 2000.